



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Pedro Henrique Jardim

Análise do Comportamento e o negro no Brasil:

Avaliação de um procedimento de formação de classes equivalentes de estímulos
relacionadas ao viés racial em adultos negros e brancos

MESTRADO EM PSICOLOGIA EXPERIMENTAL:

ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

São Paulo

2018



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Pedro Henrique Jardim

Análise do Comportamento e o negro no Brasil:

Avaliação de um procedimento de formação de classes equivalentes de estímulos
relacionadas ao viés racial em adultos negros e brancos

MESTRADO EM PSICOLOGIA EXPERIMENTAL:

ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como
exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em
Psicologia Experimental: Análise do Comportamento, sob
orientação da Prof.^a Dra. Paula Suzana Gioia.

Projeto parcialmente financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de
Nível Superior – CAPES

São Paulo

2018

Banca Examinadora:

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos ou científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por fotocópias ou processos eletrônicos.

São Paulo, ____ de _____ de 2018. Assinatura: _____

**Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior –
CAPES pelo financiamento do trabalho**

Agradecimentos

À minha orientadora, Paula Gioia, por me permitir fazer um trabalho de grande relevância para mim, por compreender meus problemas pessoais no decorrer do mestrado e corrigir minuciosamente meus textos. Obrigado por ter sido você.

Ao Cainã, que não apenas me ajudou na formulação do projeto, instrumentos utilizados e busca por artigos, mas também me incentivou a estudar o tema e a utilizar esses instrumentos. Valeu mesmo!

À Táhcita Mizael, por ter sido tão companheira em me ajudar com os materiais necessários para a aplicação do procedimento, além de me ensinar como utilizar o software para a realização do estudo. Não sei se você sabe o quanto fico contente em ver uma colega negra estudando racismo, ainda mais sob o referencial da Análise do Comportamento.

Ao grupo de WhatsApp *Negro Drama* e a todos os seus membros. Obrigado por me acolherem.

A todos os professores do PEXP. Agradeço muito por todo o aprendizado adquirido e sinto-me privilegiado em ter participado desse programa, com um corpo docente majoritariamente composto por mulheres.

À minha mãe, que, embora não compreenda tudo que isso significa, acredito que, em outras situações, se sentiria muito orgulhosa. Dedico este trabalho a você: te amo.

À CAPES, por financiar minha pesquisa.

Quem foi que falou que eu não sou um moleque atrevido?

–Jorge Aragão, *Moleque Atrevido*

Jardim, P. H. (2018). *Análise do Comportamento e o negro no Brasil: Avaliação de um procedimento de formação de classes equivalentes de estímulos relacionadas ao viés racial em adultos negros e brancos* (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Orientadora: Prof.^a Dra. Paula Suzana Gioia.

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento de Metodologias e Tecnologias de Intervenção.

Resumo

Enquanto ciência social, a Análise do Comportamento tem tecnologia para estudar práticas culturais relacionadas a questões raciais. O objetivo deste estudo foi avaliar os efeitos produzidos por um procedimento de redução de viés racial negativo em relação a pessoas negras. Foram selecionados 17 participantes, 10 negros e sete brancos, que preencheram um questionário de autodeclaração. A atividade consistiu em um treino de *matching-to-sample* arbitrário simultâneo. Antes dela, os participantes treinaram a relação entre polegar para cima e para baixo e estímulos com função de acerto e erro. Também passaram por um pré-treino, no qual foi aplicado um *software* (IRAP), a fim de medir a latência de respostas para cada grupo de estímulos relacionados a figuras de pessoas brancas e negras e verificar se as respostas indicavam viés racial negativo em razão do tempo para responder. No procedimento de formação de classes de equivalência relacionadas à redução do viés negativo propriamente dito, foram treinadas três relações: (a) entre polegar para cima e para baixo e figuras abstratas (AB); (b) entre figuras abstratas e pessoas negras (BC); e (c) ambas (ABBC), simultaneamente. Após cada treino, foram realizados os testes de simetria, transitividade e equivalência (AC e CA) e aplicado um teste complementar (AC3), no qual se adicionou outro estímulo-comparação (pessoas brancas). Por fim, utilizou-se novamente o IRAP, para verificar mudanças após o treino. Os resultados iniciais indicaram que os participantes não eram enviesados para pessoas negras. O treino, porém, foi eficaz para a formação de classes de equivalência, à exceção de um participante. A aplicação do IRAP ao final indicou resultados variados. Recomenda-se que pesquisas futuras verifiquem se um experimentador branco traria resultados distintos e se estímulos de homens e mulheres negros têm o mesmo efeito nos participantes, além de testar outros métodos de verificação de viés racial implícito.

Palavras-chave: racismo, Análise do Comportamento, equivalência de estímulos

Jardim, P. H. (2018). *Behavior Analysis and black people in Brazil: Evaluation of a procedure of stimulus equivalence class formation related to racial bias in black and white adults*. (Master's thesis). Pontifical Catholic University of São Paulo, São Paulo, Brazil.

Thesis Advisor: Prof. Paula Suzana Gioia, PhD.

Line of Research: Development of Intervention Methodologies and Technologies.

Abstract

As a social science, Behavior Analysis has the technology to study cultural practices related to racial issues. This study aimed to evaluate the effects produced by a negative racial bias reduction procedure related to black people. Seventeen participants, 10 blacks and seven whites, who filled a self-declaration questionnaire, were selected. The activity consisted of an arbitrary matching-to-sample training. Before it, the participants trained the relationship between thumb up and thumb down, and stimuli with hit and miss functions. They also performed a pretraining, in which a software (IRAP) was applied, in order to measure the latency of responses for each group of stimuli related to figures of white and black people and to verify if the responses indicated negative racial bias because of the time to respond. In the procedure of stimulus equivalence class formation related to the reduction of the negative bias itself, three relations were trained: (a) between thumb up/thumb down and abstract figures (AB); (b) between abstract figures and black people (BC); and (c) both (ABBC), simultaneously. After each training, tests of symmetry, transitivity and equivalence (AC and CA) were performed. A complementary test (AC3), in which another comparison stimulus was added (white people), was also applied. Finally, IRAP was used again in order to verify if there were changes after training. Initial results indicated that participants were not biased towards black people. However, the training was effective for stimulus equivalence class formation, with the exception of one participant. The application of IRAP at the end indicated varied results. It is recommended that future researches verify whether a white experimenter would achieve distinct results and whether stimuli of both black men and women have the same effect in participants as well as testing other methods of verifying implicit racial bias.

Keywords: racism, Behavior Analysis, stimulus equivalence

Sumário

Introdução.....	1
Ciência como Mantenedora da Desigualdade Racial.....	2
Racismo: Definições Comportamentais e Aprendizagem.....	5
Principais Estudos sobre Mudança de Viés Racial	9
Problema de Pesquisa	24
Método.....	27
Participantes	27
Local.....	28
Material e Instrumentos.....	28
Procedimento Geral.....	29
Resultados.....	37
Síntese dos Resultados	65
Discussão	67
Referências	74
Apêndice A: Termo de Consentimento e Esclarecimento.....	77
Apêndice B: Questionário Autodeclaratório	78

Índice de Figuras

Figura 1. Conjunto de estímulos utilizados por Carvalho (2010).	17
Figura 2. SAM, extraído de Mizael (2015).	20
Figura 3. Exemplo de tentativa do teste AC3 utilizado por Mizael (2015).....	21
Figura 4. Modelo do IRAP utilizado por Mizael (2015).	23
Figura 5. Slides do Microsoft PowerPoint® para treino da função reforçadora dos gestos.	30
Figura 6. Exemplo de tentativa utilizada no teste de verificação das funções dos gestos do polegar.	31
Figura 7. Exemplo de tentativa com IRAP, utilizado neste estudo.	32
Figura 8. Média do IRAP (D-score) dos participantes negros. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco-bom (B+), branco-mau (B-), negro-bom (N+) e negro-mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas dos participantes. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro-bom, negro-mau, branco-bom e branco-mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas paralelamente para facilitar a comparação.....	45
Figura 9. Média do IRAP (D-score) dos participantes brancos. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco-bom (B+), branco-mau (B-), negro-bom (N+) e negro-mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas dos participantes. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas	

condições de negro–bom, negro–mau, branco–bom e branco–mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas paralelamente para facilitar a comparação..... 46

Figura 10. Desempenho de P2 no IRAP. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco–bom (B+), branco–mau (B-), negro–bom (N+) e negro–mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas do participante. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro–bom, negro–mau, branco–bom e branco–mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas para facilitar a comparação. 48

Figura 11. Desempenho de P6 no IRAP. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco–bom (B+), branco–mau (B-), negro–bom (N+) e negro–mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas do participante. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro–bom, negro–mau, branco–bom e branco–mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas para facilitar a comparação. 49

Figura 12. Desempenho de P7 no IRAP. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco–bom (B+), branco–mau (B-), negro–bom (N+) e negro–mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas do participante. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro–bom, negro–mau, branco–bom e branco–mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas para facilitar a comparação. 50

Figura 13. Desempenho de P5 no IRAP. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco-bom (B+), branco-mau (B-), negro-bom (N+) e negro-mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas do participante. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro-bom, negro-mau, branco-bom e branco-mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas para facilitar a comparação. 51

Figura 14. Desempenho de P8 no IRAP. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco-bom (B+), branco-mau (B-), negro-bom (N+) e negro-mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas do participante. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro-bom, negro-mau, branco-bom e branco-mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas para facilitar a comparação. 52

Figura 15. Desempenho de P9 no IRAP. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco-bom (B+), branco-mau (B-), negro-bom (N+) e negro-mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas do participante. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro-bom, negro-mau, branco-bom e branco-mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas para facilitar a comparação. 53

Figura 16. Desempenho de P10 no IRAP. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco-bom (B+), branco-mau (B-), negro-bom (N+) e negro-mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo

com as respostas do participante. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro–bom, negro–mau, branco–bom e branco–mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas para facilitar a comparação. 54

Figura 17. Desempenho de P3 no IRAP. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco–bom (B+), branco–mau (B-), negro–bom (N+) e negro–mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas do participante. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro–bom, negro–mau, branco–bom e branco–mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas para facilitar a comparação. 55

Figura 18. Desempenho de P4 no IRAP. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco–bom (B+), branco–mau (B-), negro–bom (N+) e negro–mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas do participante. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro–bom, negro–mau, branco–bom e branco–mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas para facilitar a comparação. 56

Figura 19. Desempenho de B3 no IRAP. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco–bom (B+), branco–mau (B-), negro–bom (N+) e negro–mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas do participante. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro–bom, negro–mau,

branco–bom e branco–mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas paralelamente para facilitar a comparação..... 57

Figura 20. Desempenho do B7 no IRAP. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco–bom (B+), branco–mau (B-), negro–bom (N+) e negro–mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas do participante. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro–bom, negro–mau, branco–bom e branco–mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas para facilitar a comparação. 58

Figura 21. Desempenho de B1 no IRAP. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco–bom (B+), branco–mau (B-), negro–bom (N+) e negro–mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas do participante. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro–bom, negro–mau, branco–bom e branco–mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas para facilitar a comparação. 59

Figura 22. Desempenho de B2 no IRAP. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco–bom (B+), branco–mau (B-), negro–bom (N+) e negro–mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas do participante. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro–bom, negro–mau, branco–bom e branco–mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas para facilitar a comparação. 60

Figura 23. Desempenho de B4 no IRAP. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco–bom (B+), branco–mau (B-), negro–bom (N+) e negro–mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas do participante. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro–bom, negro–mau, branco–bom e branco–mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas para facilitar a comparação. 61

Figura 24. Desempenho de B5 no IRAP. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco–bom (B+), branco–mau (B-), negro–bom (N+) e negro–mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas do participante. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro–bom, negro–mau, branco–bom e branco–mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas para facilitar a comparação. 62

Figura 25. Desempenho de B6 no IRAP. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco–bom (B+), branco–mau (B-), negro–bom (N+) e negro–mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas do participante. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro–bom, negro–mau, branco–bom e branco–mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas para facilitar a comparação. 63

Índice de Tabelas

Tabela 1. Características dos Participantes.....	27
Tabela 2. Lista de Estímulos Utilizados para o Treino de MTS.....	34
Tabela 3. Desempenho dos Participantes no Teste dos Polegares.....	37
Tabela 4. Desempenhos dos Participantes no Pré-Treino de MTS Arbitrário.....	39
Tabela 5. Desempenho dos Participantes na Fase de Treino e Simetria das Relações AB	40
Tabela 6. Desempenho dos Participantes na Fase de Treino e Simetria das Relações BC	41
Tabela 7. Desempenho dos Participantes na Fase de Treino das Relações ABBC.....	42
Tabela 8. Desempenho dos Participantes na Fase de Teste de Equivalência.....	43

As relações étnico-raciais são estudadas principalmente por ciências relacionadas às áreas sociais e políticas. Na Análise do Comportamento, embora existam diferentes técnicas e campos de atuação, esse tema parece, porém, pouco estudado em relação a outros, como comportamento verbal e desenvolvimento atípico. No entanto, uma vez que a Análise do Comportamento, fundamentada no behaviorismo radical, tem o objetivo de prever e controlar o comportamento humano, supõe-se que investigar temáticas que envolvam relações étnico-raciais seja pertinente para a área, já que, com a identificação das variáveis de controle que mantêm respostas racistas, pode-se intervir nesse fenômeno social.

Discutir racismo tem-se tornado cada vez mais recorrente, e, a partir de ações que promovem maior representação de um grupo excluído em diversas esferas sociais (ações afirmativas), é possível encontrar negros¹ em lugares e posições em que, outrora, seria difícil encontrá-los, como nas ciências, empresas e mídia (Moehlecke, 2002). Entretanto, a situação social do negro permanece aquém da de uma pessoa branca, e resultados da ciência podem contribuir para compreender e intervir nesse fenômeno, visando a diminuir o viés racial.

A ciência, porém, já foi um mecanismo utilizado para legitimar atos racistas. Dessa forma, considera-se importante uma breve revisão de parte da história do negro no Brasil, que enfatiza que as características do negro brasileiro se diferenciam das de negros

¹ No que diz respeito a raça/etnia, as palavras *negro* e *preto* são tratadas como sinônimas nesta dissertação, diferentemente da aceção de negros como o conjunto formado por pretos e pardos.

de outros países e a descrição do relacionamento entre negro e branco. Essas duas ênfases também foram levadas em conta para selecionar os participantes deste estudo.

Ciência como Mantenedora da Desigualdade Racial

Para uma efetiva compreensão da história do negro no Brasil, é necessário romper com a visão eurocêntrica, marcada por preconceitos e valores culturais da Europa. Além disso, devem ser examinados comportamentos relacionados à formação de práticas racistas, como escravidão, branqueamento e miscigenação (Oliveira, 2008; Romero, 2015).

Segundo Oliveira (2008), a ideologia racial surge no século XIX, período em que os europeus precisavam justificar a exploração de determinados povos, como africanos e asiáticos, e, por isso, consideravam-nos “bárbaros” e “primitivos”, enquanto viam a si próprios como “civilizadores”. Para sustentar essa ideologia, foram utilizados pressupostos biológicos que deixavam implícita a “lei do mais forte”. Baseados nesses pressupostos, médicos brasileiros da época debatiam, com prioridade, questões como o aumento da imigração de europeus, miscigenação e escravos libertos, preocupando-se com possíveis enfermidades relacionadas e doenças até então “não habituais” no País (Romero, 2015).

Essa “preocupação racial”, segundo Romero (2015), baseava-se no positivismo e interpretava a realidade social por meio de normas das ciências físicas, utilizando teorias de forma equivocada, como a darwinista – transformada em darwinismo social – e a teoria de Mendel, as quais, por sua vez, passaram a “justificar” o impedimento da miscigenação, além de desqualificar o conhecimento popular, considerando-o ignorante e vítima de crendices (Romero, 2015).

Em 1918, médicos fundaram a Sociedade Eugênica de São Paulo, que partia do princípio de que, para o progresso do País, era necessária uma direção científica e a nação devia ser pensada por meio de parâmetros raciais: o “aglomerado de raças” em São Paulo causaria “danos” que dificilmente seriam superados. Para solucionar o “problema racial” do Brasil, foi necessário encontrar um papel para negros e mestiços, excluídos do debate por serem considerados biologicamente inferiores, e a posição de que o progresso passava pela qualidade da raça ficou ainda mais intensa após a proclamação da República (Romero, 2015).

De acordo com Romero (2015), para os eugenistas, não havia necessidade de impedir a hibridação, mas sim “injetar” sangue branco na população e cruzar mestiços com europeus. Dessa forma, após a quarta ou quinta geração, ter-se-ia uma população branca. A miscigenação, portanto, aparecia no discurso nacionalista como uma forma de cura social, e estabelecia-se uma hierarquia racial, na qual quanto mais próximo ao branco, melhor e quanto mais próximo ao negro, pior, fosse nos fatores biológicos, fosse nos culturais (Oliveira, 2008).

A ideologia do branqueamento pregava a integração dos negros via assimilação dos valores brancos e teve como objetivo propagar que não existiam diferenças raciais no Brasil e que todos aqui vivem de forma harmoniosa, sem conflitos. A isto damos o nome de democracia racial. Projeta uma nação branca que, através do processo de miscigenação, irá arrancar o negro da nação brasileira, supondo-se, assim, que a opressão racial acabaria com a raça negra pelo processo de branqueamento. (Oliveira, 2008, p. 9)

Oliveira (2008) destaca ainda que o estabelecimento do branqueamento como um valor teve impacto direto nos negros da época, pois, além da segregação social, havia o

fato de alguns deles, negando a origem africana, buscarem o clareamento da pele, submetendo-se a determinados procedimentos. Outro impacto foi a responsabilização de sua condição, ou seja, o negro passou a ser o único responsável por sua situação socioeconômica, mesmo após todo o histórico de exploração e desigualdade social. Dessa maneira, por meio da ciência do século XX, “comprovou-se” a “inferioridade” do negro em relação ao branco.

No decorrer do mesmo século, outras pesquisas, relacionadas à psicologia social, demonstraram que esse conceito estava equivocado. A própria Análise do Comportamento, baseada em B. F. Skinner, não identificava a raça da pessoa como uma variável de controle relevante para a explicação do comportamento. Mesmo assim, no final do século XX, Herrnstein e Murray (1994) publicaram o livro *A Curva do Sino*, no qual retornam à ideologia da inferioridade do negro, partindo, dessa vez, do coeficiente de inteligência (QI). Segundo Herrnstein e Murray (1994), testes de inteligência permitem concluir que negros têm QI inferior ao de brancos, o que parece desconsiderar toda uma trajetória de opressão e história de vida relacionada à pobreza, falta de escolarização e questões como negligência e desigualdade sofrida. *A Curva do Sino* recebeu críticas devido ao ideal eurocêntrico e racista. Em uma dessas críticas, Andery e Sérgio (1997) analisaram as afirmações contidas no livro através de uma visão skinneriana, baseada na filosofia do behaviorismo radical, e demonstraram fatores metodológicos e éticos errôneos, como a mensuração do que se chama inteligência.

Tanto o darwinismo social quanto a teoria da curva do sino foram utilizados como forma de separar negros e brancos, na qual o branco é superior ao negro. Por isso, pesquisas mais recentes precisam ter cautela ao lidar com a temática racial, a fim de que não se perpetuem como mecanismos científicos para práticas racistas.

Racismo: Definições Comportamentais e Aprendizagem

Racismo trata de preconceito, discriminação ou comportamento hostil direcionados a pessoas de raça ou etnia diferente. Sistemas conceituados afirmam que pode haver uma hierarquia entre raças, na qual uma é exaltada em detrimento das demais, podendo-se preconizar o isolamento da outra raça ou até mesmo seu extermínio (Houaiss, 2001).

Como qualquer outro comportamento que afeta e é afetado pelo mundo, o racismo está relacionado ao *comportamento operante*. Nesse caso, a contingências aversivas aplicadas a um determinado grupo socialmente hostilizado, visando a mantê-lo em posição submissa (fuga e esquiva), em qualquer situação, em relação ao grupo controlador. Essas contingências aversivas podem ser rotuladas como racismo – e supõe-se que, pelo fato de o racismo não ser uma característica inata, foi aprendido/transmitido como prática cultural por meio do contato com outros seres humanos. Depende, portanto, de relações sociais e verbais estabelecidas em uma comunidade verbal.

Skinner (1953/2003) define comportamento social como “o comportamento de duas ou mais pessoas em relação a uma outra ou em conjunto em relação ao ambiente comum” (p. 325), e, por isso, a primeira consideração a ser feita é compreender o racismo como um comportamento social. Diferentemente de outras abordagens, a Análise do Comportamento não considera haver diferentes princípios explicativos ou metodológicos em situações em que a pessoa se comporta em grupo ou individualmente. Assim, o termo comportamento social serve apenas para caracterizar algumas peculiaridades do comportamento, ou seja, participação ou mediação de outra pessoa como ambiente (Sampaio & Andery, 2010). Dito de outra forma, o comportamento social é um operante em que, na tríplice contingência, uma pessoa tem função de estímulo e/ou de

consequência para outra. Pode-se dizer, portanto, que ocorrem, no caso, sistemas comportamentais entrelaçados (Skinner, 2003).

Uma prática cultural, por sua vez, é a repetição ou manutenção de ações ao longo das gerações ou da mesma geração, ou seja, mesmo após a substituição de seus membros, um determinado grupo continua a comportar-se de forma semelhante à anterior. É cabível, portanto, dizer que os membros antigos ensinam aos novos membros como agir. Trata-se da propagação de comportamentos similares: um indivíduo afeta outro indivíduo de modo a produzir um comportamento semelhante ao seu ou ao de outro indivíduo, e a pessoa afetada posteriormente tende a afetar outros indivíduos, o que propaga o mesmo comportamento (Sampaio & Andery, 2010). Dessa forma, o racismo também pode ser considerado uma prática cultural, por conferir com os critérios citados e ser ilustrado por atos que ocorreram nos séculos passados e se mantêm até hoje.

Arhin e Thyer (2004) dão subsídios para entender como ocorre a propagação dessa prática cultural, ou seja, como o racismo é ensinado a outros membros de uma comunidade verbal. Segundo os autores, o racismo pode ser aprendido, pelo menos, de três formas: aprendizagem respondente, aprendizagem operante e imitação.

A aprendizagem respondente pode ocorrer quando há pareamento de estímulos. Uma palavra pareada com um estímulo aversivo, por exemplo, pode exercer função de estímulo condicionado e eliciar respostas próximas às eliciadas pelo estímulo original. Logo, palavras como *negro*, apresentadas em situações aversivas como as que envolvem medo, desgosto ou aversão, podem, por si sós, gerar reações emocionais semelhantes quando apresentadas sozinhas em situações futuras (Arhin & Thyer, 2004).

Por sua vez, a aprendizagem operante por reforçamento positivo é de grande importância na construção do racismo, uma vez que parte das consequências das respostas

racistas são sociais, ou seja, originam-se do comportamento de outra pessoa. Quando uma criança recebe aprovação de seus familiares ao ofender uma pessoa negra, chamando-a de “macaca”, por exemplo, ela tenderá a repetir, em outro momento, respostas semelhantes diante de pessoas negras (Arhin & Thyer, 2004). Já quando a aprendizagem é por reforçamento negativo, uma pessoa tenderá a esquivar-se, no futuro, de emitir respostas que foram punidas socialmente, como, por exemplo, se ela ouve uma música de pessoas negras e, por esse motivo, recebe chacota de amigos ou conhecidos (Arhin & Thyer, 2004).

A aprendizagem por imitação operante, segundo Arhin e Thyer (2004), pode estar presente na aquisição de algumas respostas racistas, principalmente no repertório de crianças e jovens. Caso uma criança veja constantemente seus pais emitirem respostas racistas, tem chances de repetir esse comportamento pela alta probabilidade de ser reforçada da mesma forma que seus pais.

Ainda que o racismo possa ser aprendido tanto por aprendizagem respondente quanto por operante, importa destacar a aprendizagem operante, já que respostas racistas podem ser adquiridas por meio da construção de classes de estímulos equivalentes envolvendo comportamentos simbólicos, antes vistos como determinados por variáveis internas ao ser humano.

De Rose (1993) analisa o protagonista da obra *Funes, o Memorioso*, de Jorge Luis Borges, personagem com a habilidade de lembrar-se de todas as coisas – cada característica, em minucioso detalhe –, não sendo capaz, por isso, de ficar sob controle de estímulos semelhantes (generalização) e, portanto, de formar conceitos, uma vez que não agrupava estímulos em classes. Sua linguagem e pensamento estavam comprometidos.

A linguagem está estreitamente vinculada à formação de classes de estímulos, que, segundo de Rose (1993), podem ser formadas de três formas. A mais comum trata de classes formadas por similaridades físicas ou atributos comuns, que necessariamente envolvem a generalização de estímulos dentro da classe (com características em comum) e discriminação entre classes (diferentes de outras classes de estímulos). Os conceitos aprendidos pelos indivíduos ao longo de sua história necessariamente contam com a comunidade verbal, que, mediante reforços e punições, delimita as classes de estímulos aprendidas (de Rose, 1993). Nessa acepção, as pessoas aprenderiam a formar classes de estímulos de acordo com as diferentes raças.

Uma segunda maneira de formar classes de estímulos, segundo de Rose (1993), ocorre por relações arbitrárias e mediadas por uma resposta comum. Nesse conjunto, os estímulos não precisam ter características semelhantes. Todavia, deve haver mediação de uma mesma resposta. O autor menciona os estímulos bola, boneca e trem e classifica-os em uma mesma classe (brinquedos), mediada pela resposta motora de brincar ou de dizer “brinquedos”.

A terceira maneira de formar classes de estímulos diz respeito a relações arbitrárias entre estímulos. Trata-se de uma relação condicional, que, por meio de procedimentos específicos, possibilita o estabelecimento de relações entre estímulos arbitrariamente definidas (de Rose, 1993). Ao serem apresentados dois estímulos B1 e B2, a pessoa seleciona B2 (estímulo discriminativo) caso A2 seja o estímulo-modelo e a resposta tenha sido positivamente reforçada nessa condição. Aqui, também a comunidade verbal é responsável por reforçar respostas que relacionam estímulos arbitrariamente (Sidman & Tailby, 1982).

Os estímulos serão equivalentes se atenderem a três critérios: reflexividade, simetria e transitividade. Para de Rose (1993), classes de estímulos equivalentes são redes de relações: algumas são ensinadas e outras emergem sem terem sido diretamente ensinadas. A reflexividade diz respeito à relação do estímulo com ele mesmo. A simetria trata da relação entre estímulo-modelo e estímulo-comparação, que devem manter a relação mesmo quando há troca de função: dado o estímulo-modelo A (por exemplo, *negro*) emparelhado com o estímulo-comparação B (por exemplo, *feio*), as funções do estímulo A devem ser transferidas para o estímulo B sem treino adicional. Já a relação de transitividade requer a participação de mais um estímulo e trata da emergência de relação sem um treino prévio ou instrução: no caso, se A *então* B e B *então* C, a relação A *então* C deve emergir (Sidman & Tailby, 1982).

Finalmente, ainda de acordo com de Rose (1993), uma das principais características de uma classe de estímulos equivalentes é a transferência de função. Dessa forma, caso um estímulo dentro da classe mude sua função, os outros estímulos da mesma classe também podem mudar de função. Por isso, afirma-se que a transferência de função é um desempenho emergente.

Principais Estudos sobre Mudança de Viés Racial

Antes da apresentação de pesquisas sobre viés racial, considera-se pertinente a descrição de um estudo que teve como objetivo a realização de uma revisão sistemática de pesquisas sobre psicologia e racismo no Brasil, a fim de identificar como a psicologia lida com o fenômeno, quais métodos são mais utilizados nas investigações e quais as lacunas. Essa revisão foi desenvolvida por Sacco (2015), que realizou a busca em cinco bases de dados, sem critérios de limitação quanto ao ano de publicação e idioma. Foram excluídos os artigos que não tinham o racismo como tema principal, os que não

estivessem na área da psicologia brasileira e artigos dos quais a autora não conseguiu o texto completo *on-line*. Para uma maior amplitude, foram realizadas buscas nas listas de referências e também solicitações por *e-mail* para os autores dos artigos, com o propósito de adquirir outros artigos com o tema. Atenderam aos critérios de seleção 66 artigos. Por meio das buscas nas referências e contato com os autores, foram adicionados 11, totalizando 77 artigos, publicados em 38 revistas diferentes, sendo 36 nacionais e duas internacionais (Sacco, 2015).

Dos 77 estudos, 35 eram teóricos e 42, empíricos. O primeiro artigo é de 2001, embora houvesse artigos anteriores – não encontrados *on-line*, porém. Segundo a autora, 2013 foi o ano em que houve maior número de publicações (10). Em 10 artigos, destacou-se a informação de que a psicologia aborda pouco o tema.

Dos 35 artigos teóricos, 15 trataram o preconceito racial como uma relação de poder. Tais artigos foram escritos com base em autores da filosofia, antropologia e psicologia social, e não houve relato de artigos escritos com base na Análise do Comportamento.

Os participantes de 32 estudos empíricos eram adultos e, desses, 65,6% eram universitários. Em 26 estudos empíricos, os participantes eram brancos, e, em nove, eram pardos e negros. Quanto ao método, os artigos empíricos foram classificados em quantitativos (50%), qualitativos (40%) e mistos (10%). Em relação aos instrumentos, as pesquisas qualitativas utilizaram basicamente entrevistas, enquanto as quantitativas utilizaram escalas e questionários para obtenção de dados (Sacco, 2015). Tanto as escalas quanto as entrevistas basearam-se em relatos verbais, que, segundo de Rose (1997) são procedimentos com pouca precisão nos dados coletados, já que os participantes podem responder algo para evitar uma punição ou para obter algum reforço. Dessa forma, é

preferível a utilização, em pesquisas, de outros instrumentos em que há controle de variáveis, visando à obtenção de dados com maior veracidade.

Sacco (2015) conclui que, no Brasil, há pouca literatura sobre racismo na psicologia e que muitos estudos têm falhas metodológicas, por não descreverem de forma clara os participantes, os instrumentos utilizados ou o procedimento, fato este que dificulta a replicação. Portanto, há necessidade de desenvolver estudos no País de maneira mais controlada metodologicamente. Uma outra questão, segundo Sacco (2015), é que os artigos avaliaram formas de preconceito *explícitas*, o que pode não ser adequado, já que o participante tende a ficar sob controle da ameaça de punição. Embora estudos sobre preconceito explícito tenham sua importância, ao se tratar de avaliação ou identificação de alguma tendência preconceituosa, o estudo sobre viés racial *implícito* parece mais eficaz, já que a possibilidade de o participante controlar sua resposta é baixa.

Nos últimos anos, autores de diferentes regiões do mundo propuseram-se a estudar a possibilidade da redução do viés racial implícito e, para isso, desenvolveram procedimentos para investigar e intervir no comportamento que expressa esse viés, a fim de obter sua redução. Uma dessas pesquisas é a de Lai et al. (2014), que teve como objetivo testar 17 diferentes procedimentos e avaliar a eficácia de cada um. Participaram aproximadamente 5.000 indivíduos, todos não negros e inscritos nos *sites* da Brock University e Universidade da Virgínia. Os autores testaram os 17 procedimentos de intervenção em um conjunto de quatro estudos, e nem todos os procedimentos passaram por cada estudo.

No primeiro e segundo estudos, os participantes foram randomicamente selecionados para um dos grupos: grupo-controle (não realizavam a tarefa proposta na intervenção); grupo para uma condição de comparação falsa; ou grupo que seria

submetido a uma das 13 condições de intervenção do Estudo 1 e uma das 14 condições de intervenção do Estudo 2. Em seguida, os participantes realizavam o *Implicit Association Test* (IAT) (Greenwald, McGhee, & Schwartz, 1998) e completavam o relatório de medidas de atitudes racistas. O IAT é um teste que avalia o tempo entre a apresentação de um estímulo na tela e a resposta de apertar o botão indicativo do teclado. O estímulo pode ser um atributo envolvendo uma categoria, como preto–ruim/preto–bom (Greenwald, McGhee, & Schwartz, 1998). No caso, as relações mais consistentes teriam menor latência, enquanto relações menos consistentes teriam maior latência.

No terceiro estudo, (a) era elaborado um relatório de medidas de atitudes racistas relacionadas a asiáticos e a hispânicos; (b) havia 11 condições de intervenção; e (c) os participantes eram expostos a avaliações em relação a negros, brancos, asiáticos e hispânicos ao mesmo tempo. Por fim, o quarto estudo manteve as mesmas características do terceiro (11 condições de intervenção, condição de controle e falsificação), mas adicionou o IAT no pré-teste.

As conclusões dos autores em relação às diferentes intervenções realizadas nos quatro estudos indicaram que apenas oito delas foram efetivas na redução do viés racial implícito de brancos em relação a negros. Alguns dos procedimentos que obtiveram êxito na redução do viés são apresentados a seguir.

Vários cenários contraestereotípicos. Baseado em um experimento anterior de Foroni e Mayr (2005), no qual um cenário ficcional pôde alterar a percepção que um participante tinha de flores, de algo positivo para algo perigoso, e de insetos, de algo negativo para algo agradável, esse procedimento passou pelos quatro estudos. No primeiro estudo, a tarefa dada aos participantes era ouvir uma história, na qual um homem branco os atacava e um homem negro os salvava. Ao realizarem o IAT, os participantes

foram orientados a se lembrarem da história, e a redução do viés racial negativo ocorreu com sucesso, já que houve menor tempo de latência em comparação com o IAT inicial. No Estudo 2, a história tinha o mesmo enredo, mas enfatizou-se a ação do homem branco com aspectos de crueldade e perversão. Comparativamente aos resultados do Estudo 1, houve uma redução mais acentuada do viés racial. No Estudo 3, foram acrescentados ou apresentados aos participantes conjuntos de imagens tanto com o IAT quanto com o MC-IAT (*Multicategory Implicit Association Test*), teste que difere do IAT por utilizar, além de negros e brancos, também orientais e hispânicos. O primeiro apresentava estímulos para negros e a palavra *bom*, e o segundo apresenta imagens de brancos e a palavra *ruim*. Os resultados indicaram redução do viés racial negativo no pós-teste em relação à linha de base. Finalmente, no Estudo 4, apenas um dos conjuntos de imagens foi utilizado, o MC-IAT não foi realizado e, desse modo, houve menor redução do viés racial em relação aos demais estudos.

Praticando o IAT com exemplares contraestereotípicos. Nesse procedimento, o IAT foi utilizado não como um procedimento de testagem, mas como um instrumento de modificação. Durante o procedimento, houve apenas o pareamento de figuras de negros com a palavra *bom* e figuras de brancos com as palavras *mau* ou *ruim*. No primeiro estudo, ocorreu um erro e os dados foram ignorados. Os Estudos 2, 3 e 4 alcançaram a redução.

Mudança de limites de grupos por meio da competição. A competição com grupos sociais com o qual a pessoa não tem relação tende a aumentar a concorrência e o viés negativo. Por isso, acredita-se que estar em grupos de negros contra grupos de brancos pode diminuir esse viés. A tarefa foi um jogo de queimada, no qual o participante jogava em um time de negros contra um time de brancos. Essa intervenção não foi testada

no Estudo 1. Entretanto, nos Estudos 2, 3 e 4, foi demonstrada a possibilidade de diminuição do viés racial.

Iniciando o multiculturalismo. Lai et al. (2014) basearam-se em estudos anteriores que indicavam que a prática de defender a eliminação das categorias raciais para eliminar o preconceito tende a aumentar o preconceito racial. Por isso, foi enfatizada a multiculturalidade, por meio da leitura de textos sobre ela. Após a leitura, os participantes fizeram resumos com suas palavras e listaram duas razões pelas quais a multiculturalidade é uma boa prática. Em seguida, foram realizados o IAT e o MC-IAT. Esse procedimento não foi realizado nos Estudos 1 e 2. Nos outros estudos, percebeu-se a redução do viés.

Condicionamento avaliador. No experimento, rostos negros foram emparelhados com palavras positivas e rostos brancos foram emparelhados com palavras negativas. Após essa etapa, os participantes classificavam os rostos e diziam as palavras. No primeiro estudo, ocorreu um erro, corrigido no segundo. Houve diminuição do viés racial, porém, apenas nos Estudos 3 e 4, mas concluiu-se que o procedimento foi eficaz.

Diante dos experimentos apresentados por Lai et al. (2014), tanto os que obtiveram êxito quanto os que não, observou-se que a maior parte das intervenções em que negros eram vistos aliados a fatores positivos e brancos a fatores negativos foi eficaz na modificação do viés racial. Dessa forma, focar unicamente as características dos negros é menos eficaz que estabelecer contraste entre grupos sociais – e inserir fatores negativos a brancos tende a melhorar os resultados, ainda que parear pessoas brancas com características negativas envolva questões éticas. Outra característica eficaz para as modificações foi o envolvimento intenso do participante, em uma situação mais próxima de sua vida ou na qual o contato foi mais próximo, como no estudo em que o participante

era assaltado por um homem branco e resgatado por um homem negro, ou no estudo em que havia uma competição (Lai et al., 2014).

Ainda que com procedimentos que demonstraram eficácia, os estudos de Lai et al. (2014), no entanto, parecem não ter tido controle preciso de variáveis, o que dificulta especificar exatamente o que fez o viés racial se modificar. Um exemplo é o procedimento da competição, em que há diversas variáveis em um jogo, mas os autores descrevem como fundamentais apenas as raças dos participantes.

Outra pesquisa sobre viés racial foi realizada por Gonzalez, Steele e Baron (2017), que tiveram como objetivo a tentativa de reduzir viés racial implícito em crianças brancas e orientais por meio de exemplares positivos de pessoas negras (vinhetas) que contradiziam os estereótipos relacionado a essa população. Os participantes foram 359 crianças entre cinco e 12 anos de idade; 257 foram identificadas como caucasianas e 102, como orientais (informação fornecida pelos pais). Todas as crianças realizaram o IAT, e percebeu-se viés racial em relação a pessoas negras. A aplicação ocorreu individualmente, e os participantes foram randomicamente divididos em três condições de apresentação de vinhetas: vinhetas sobre negros, vinhetas sobre brancos e vinhetas sobre flores.

Para o grupo experimental, de vinhetas sobre negros, foram apresentadas quatro vinhetas com um indivíduo negro (homem ou mulher) em cada uma, e o experimentador verbalizava uma história sobre o personagem, salientando características comumente opostas aos estereótipos relacionados à população negra, como, por exemplo: “Este é James. James vive em Vancouver, onde é bombeiro. James é um ótimo bombeiro e está se esforçando muito para se tornar chefe dos bombeiros” (Gonzalez et al., 2017, p. 8).

Para o grupo-controle, foram lidas quatro vinhetas sobre flores (tulipas, narcisos, girassóis e rosas) e descritas características individuais e funcionalidades positivas de cada flor. Gonzalez et al. (2016) apontam que a terceira condição, vinhetas de brancos, constituía um grupo-controle adicional, que mantinha o mesmo procedimento das duas condições anteriormente relatadas.

Após a apresentação das vinhetas, os participantes foram novamente conduzidos à avaliação por meio do IAT, e verificou-se que a apresentação das vinhetas foi capaz de mudar o viés racial. Nos resultados obtidos, porém, observou-se que a mudança do viés racial somente foi possível entre os participantes com média de 10 anos de idade, enquanto os participantes com média de sete anos de idade não conseguiram alcançar os objetivos propostos. Dessa forma, sugerem os autores, pesquisas que objetivam a redução de viés racial em adultos tendem a um melhor resultado do que em crianças mais novas. Outra sugestão foi iniciar intervenção com crianças de 10 anos de idade para reduzir o viés racial negativo em relação pessoas negras.

Embora Sacco (2015) tenha referido haver pouca literatura no Brasil, duas dissertações utilizaram o paradigma da equivalência de estímulos para tentar reduzir o viés racial implícito (Carvalho, 2010; Mizael, 2015). No caso, um estudo replicou sistematicamente o outro.

Carvalho (2010) teve como objetivo investigar a mudança de atitude pela reversão da classe de estímulos entre homens negros e símbolos negativos. A autora realizou duas versões do procedimento, sendo a segunda um aperfeiçoamento da primeira, a fim de tornar mais simples e controláveis as variáveis investigadas. Foram selecionados quatro participantes, dois do sexo masculino e dois do feminino, com idades entre nove e 10 anos. Suas raças/etnias não foram informadas. As sessões ocorreram quatro vezes por

semana, na própria universidade da autora, e foram utilizados como estímulos: três figuras abstratas, cinco fotos de homens negros, três fotos de homens brancos, seis fotos de personagens de desenho animado, além dos símbolos positivo e negativo feitos pelo polegar. Por ter havido a necessidade de sessões complementares para dois participantes, foram adicionadas duas fotos de borboletas, duas fotos de monstros e uma foto de filhote de gato. Ao fim de cada sessão, os participantes recebiam brindes (Carvalho, 2010).

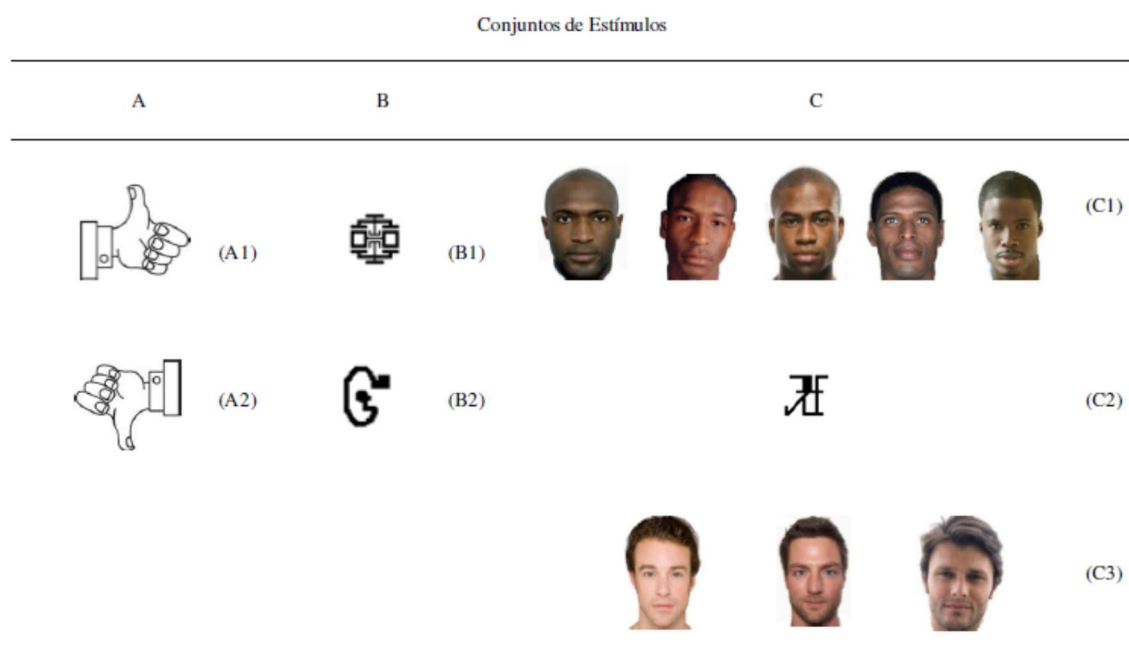


Figura 1. Conjunto de estímulos utilizados por Carvalho (2010).

O procedimento foi composto por três fases: pré-teste, treino e pós-teste. No pré-teste, utilizou-se inicialmente a Escala de Diferencial Semântico para auferir como as crianças avaliavam negros e brancos. Nessa etapa, cada participante recebia uma folha de sulfite com imagens de pessoas negras e brancas. Abaixo das imagens, havia uma escala na qual devia marcar com um “X” o nível de sua preferência, de forma que quanto mais à direita, maior a preferência e quanto mais à esquerda, menor a preferência. Assim, estabeleceu-se a linha de base.

Após a confirmação de viés negativo em relação a negros, iniciava-se o teste das faces (teste CA: *C* representava figuras de homens ou símbolos abstratos, e *A*, o gesto positivo ou negativo), em que foi utilizado o procedimento de *matching-to-sample* (MTS) e avaliadas as escolhas dos participantes frente a estímulos de rostos de negros ou de brancos e estímulos reforçadores ou aversivos. Essa parte do procedimento era dividida em relações AC faces (gestos do polegar – faces) e relações AC abstratos (gestos do polegar – figuras abstratas). Foram selecionadas as crianças nas quais se identificou viés negativo em relação a negros (Carvalho, 2010).

Inicialmente, foram treinadas as relações entre os sinais do polegar e as figuras abstratas (AB). Essa fase foi dividida em quatro blocos. O primeiro referia-se a uma discriminação simultânea, e o segundo, a dica com atraso: era apresentada uma dica escrita na tela indicando qual figura escolher. O terceiro bloco não continha dica, e não havia critério de acertos para a próxima fase. O último bloco também não continha dica, mas o participante precisava ter 100% de acertos. Iniciou-se, então, o treino da relação entre os estímulos figuras abstratas e as faces de brancos e negros (BC). O treino era formado por blocos de discriminação condicional com 12 tentativas em cada bloco.

Por fim, foi realizado um treino misto das relações entre sinais do polegar e figuras abstratas; e das relações entre figuras abstratas e fotos de pessoas (AB/BC), em dois blocos de MTS com atraso: o modelo era apresentado, retirado da tela, e, após 1,5 s, os estímulos-comparação eram apresentados com 18 tentativas para as relações já treinadas, alternadas no decorrer do bloco. Se, no primeiro bloco, não fossem obtidos 100% de acertos, o procedimento era reiniciado até que o participante atingisse os 100%. Por sua vez, o segundo bloco podia ser repetido, no máximo, duas vezes: se o participante não atingisse 100% de acertos, o treino desse bloco era encerrado.

A última fase do estudo, denominada pós-teste, retomava o que foi feito na primeira fase: o teste de MTS e a Escala de Diferencial Semântico, a fim de verificar possíveis mudanças ocorridas. Os resultados indicaram que, para a maior parte dos participantes, não houve alteração do viés, ou seja, não foi possível a formação de classes entre estímulos símbolos positivos e estímulos homens negros, o que sugere uma resistência à reversão de uma classe de equivalências com significado pré-experimental, possivelmente porque as crianças voltavam diariamente para um meio que as fez aprender as relações enviesadas. Dessa forma, talvez o treino não pudesse ser suficiente para competir com o meio social. Outra possibilidade que pode explicar a resistência à reversão relaciona-se ao fato de os sinais positivo e negativo não terem exercido controle adequado – função reforçadora ou aversiva (Carvalho, 2010).

Observa-se, ainda, que a quantidade de fases e a duração dos procedimentos com as crianças foram bastante intensas, podendo ter resultado na perda do interesse dos participantes pelo procedimento, mesmo havendo recompensa em cada sessão (Carvalho, 2010).

Na mesma direção de procedimentos que utilizam a proposta de equivalência de estímulos para investigar preconceito, a dissertação de Mizael (2015) é uma replicação sistemática do estudo de Carvalho (2010) e objetivou verificar se o ensino de novas relações de equivalência seria capaz de reverter classes pré-experimentais em crianças com viés racial negativo em relação a pessoas negras. A autora pretendeu que o ensino que emparelhava fotos de pessoas negras com símbolos positivos (reforçadores) pudesse reverter o viés inicial.

Inicialmente, Mizael (2015) selecionou uma amostra de 54 crianças. Realizado o primeiro teste, 22 delas apresentaram viés racial negativo, e, após o segundo teste, apenas

13 crianças foram selecionadas. Os participantes eram de ambos os sexos e tinham idades entre oito a 10 anos. Três participantes eram negros. Os participantes foram divididos em dois grupos: MTS Simultâneo (SMTS) e MTS com Atraso de 2 Segundos (DMTS). Como estímulos, foram utilizadas quatro fotos de pessoas negras, quatro fotos de pessoas brancas, uma foto de polegar positivo, uma foto de polegar negativo e três fotos de estímulos abstratos.

Para a seleção de participantes, foi utilizada a Autoavaliação Manikin (*Self-Assessment Manikin – SAM*), um instrumento de medida de autorrelato desenvolvido por Bradley e Lang (1994) com o intuito de avaliar experiências afetivas diante de imagens (Figura 2). Nessa etapa, os participantes recebiam folhas de sulfite com um dos estímulos na parte superior. Na parte inferior, havia cinco desenhos de bonecos que representavam a dimensão do prazer (fisionomias de feliz a triste), e, logo abaixo dos bonecos, havia nove círculos que deviam ser preenchidos com um “X”. Foram selecionados os participantes que atribuía ao negro níveis de prazer inferiores.

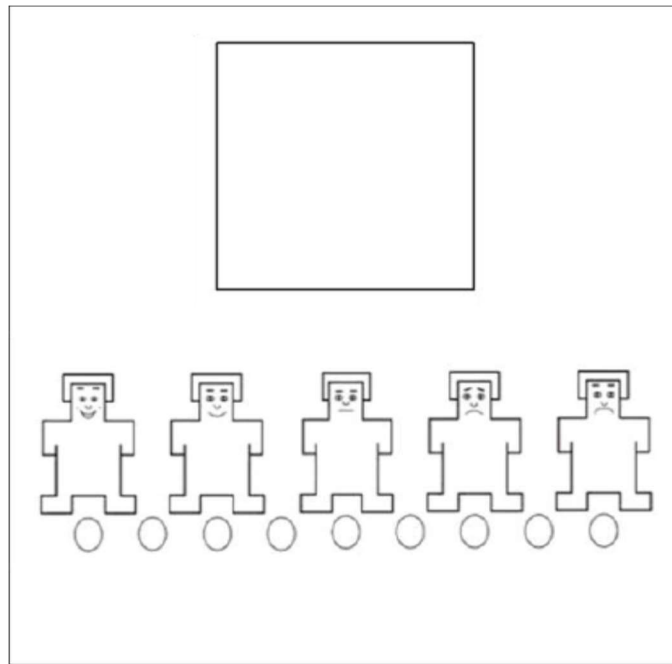


Figura 2. SAM, extraído de Mizael (2015).

Os participantes selecionados passavam para uma segunda fase de teste, denominada Teste AC3, com um bloco de 16 tentativas, no qual os estímulos-modelo imagens positivas (A1) e negativas (A2) deviam ser emparelhados com estímulos-comparação imagens de pessoas brancas (C3), negras (C1) e estímulos abstratos (C2) (Figura 3). Os participantes deviam clicar na figura que achavam que combinava com a imagem-modelo. Ao final, aplicava-se a seguinte fórmula: [(número de brancos diante do polegar positivo) - (número de negros diante do polegar positivo)] + [(número de negros diante do polegar negativo) - (número de brancos diante do polegar negativo)]. Considerava-se viés racial negativo em relação a negros aquele que obtivesse valor final quatro ou superior.

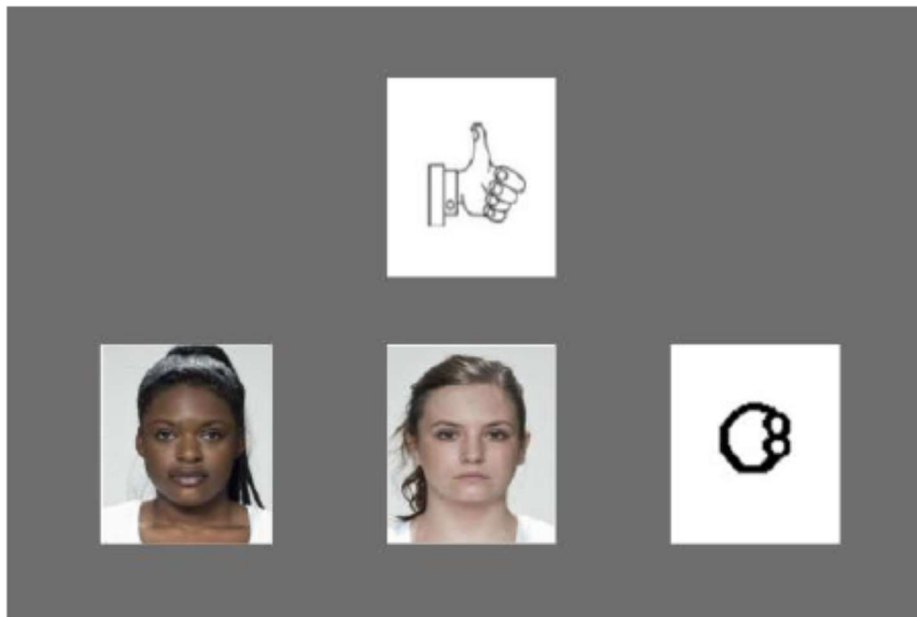


Figura 3. Exemplo de tentativa do teste AC3 utilizado por Mizael (2015).

O próximo passo do procedimento foi a Fase de Pré-Treino, na qual os participantes se submetiam a uma tarefa de discriminação condicional, com três estímulos-comparação. Foi realizado apenas um bloco de 15 tentativas, e as três primeiras continham dicas que indicavam a resposta correta. O critério para avançar de fase era o participante errar apenas uma vez.

Na Fase de Treino, os 13 participantes foram divididos nos dois grupos (SMTS e DMTS), e o critério para avançar de fase era errar apenas uma vez por bloco. Inicialmente, foi treinada a relação polegares positivo/negativo e figuras abstratas (AB1), com dois blocos de 16 tentativas. Em seguida, era feito um bloco com 16 tentativas do teste de simetria, e, para isso, invertiam-se os estímulos-modelo e comparação (BA). Em seguida, iniciava-se o treino das relações entre figuras abstratas e imagens de pessoas (BC), seguido pelo teste de simetria, com os mesmos critérios anteriores (CB). Ainda nessa etapa, era realizado um treino misto com dois blocos de 16 tentativas das relações polegar positivo/negativo e figuras abstratas e das relações figuras abstratas e imagens de pessoas (AB/BC).

Após o treino, foi realizado o teste de equivalência, dividido em duas etapas. A primeira etapa era formada por 32 tentativas divididas igualmente entre as relações polegares positivos/negativos – figuras de pessoas; e entre as relações figuras de pessoas – polegares positivos/negativos (AC e CA). Esperava-se que, diante do polegar positivo (A1), seria escolhida a figura de pessoa negra (C1), e vice-versa. Na segunda etapa, foi realizado o teste AC3 novamente, com dois blocos de 16 tentativas, nos quais o participante devia escolher o estímulo-comparação figura de pessoa e figura abstrata na presença do estímulo-modelo polegar positivo/negativo.

Na Fase de Pós-Teste, foi novamente utilizado o SAM, além do *Implicit Relational Assessment Procedure* (IRAP), que avalia os vieses por meio da medida do tempo de latência entre as respostas. O IRAP foi desenvolvido por Barnes-Holmes et al. (2006) e objetiva mensurar uma atitude implícita por meio da latência entre a apresentação dos estímulos e o clicar do teclado (Figura 4). O participante devia responder de forma rápida, e esperava-se que, nas relações mais consistentes, haveria

maior rapidez em apertar o teclado, enquanto, nas relações menos consistentes, a latência deveria ser maior. O IRAP foi realizado com fotos de negros e de brancos e estímulos com imagens negativas e positivas, além das palavras *sim* e *não*.



Figura 4. Modelo do IRAP utilizado por Mizael (2015).

No estudo de Mizael (2015), todos os participantes selecionados formaram a classe de equivalência esperada, e a classe pré-existente entre as relações negros e símbolos negativos foi modificada para negros e símbolos positivos, fato que não havia ocorrido na pesquisa de Carvalho (2010). Embora os participantes tenham sido divididos em dois grupos (DMTS e SMTS), os resultados foram bastante semelhantes. Mizael (2015) utilizou tanto o SAM quanto o IRAP para avaliar a alteração ou não do viés, e ambos os instrumentos não indicaram preferência significativa entre as raças, fator apresentado como critério para iniciar a linha de base.

Mizael (2015) aponta que alguns critérios poderiam ser modificados em estudos posteriores, como um número maior de participantes, a utilização de treinos mistos em outras relações e a utilização do IRAP no início do procedimento. Além disso, a autora sugere que pesquisas futuras realizem a avaliação da manutenção, a fim de verificarem se as relações se mantêm (*follow-up*).

Problema de Pesquisa

Percebe-se, pelas pesquisas apresentadas, que o estudo das relações raciais é importante no Brasil, principalmente para a compreensão da situação atual de viés racial dirigido à população negra, que continua socialmente desconsiderada por parte da população branca. Essa situação desigual tem sido investigada por algumas áreas, e sua importância chamou a atenção da Análise do Comportamento, que pode contribuir para o tema.

Sacco (2015), ao realizar um levantamento bibliográfico sobre questões raciais na psicologia, concluiu que há poucos estudos e, entre os que há, grande parte tem falhas metodológicas relacionadas à descrição, além de utilizarem procedimentos, como entrevistas, que podem ser deficitários quanto à obtenção de dados precisos. Dessa forma, sugere a autora que futuras pesquisas não enfoquem um viés explícito, mas um viés implícito.

Lai et al. (2014) e Gonzalez et al. (2017) estudaram o viés racial implícito, com participantes adultos e com crianças, respectivamente. O primeiro estudo, embora tivesse como objetivo testar quais intervenções eram eficazes para a mudança do viés racial, parecia não ter um controle experimental rigoroso das variáveis, diferentemente do segundo estudo. Algo relevante e comum aos dois estudos, porém, foi o instrumento de avaliação do viés racial IAT, que pôde identificar viés racial pela medida da latência entre o estímulo e a resposta, o que permite uma medida mais confiável que o relato verbal do participante. Dessa forma, o IAT pode ser uma resposta à sugestão de Sacco (2015).

Além disso, foram descritas duas pesquisas brasileiras que, utilizando o paradigma da equivalência de estímulos, tentaram alterar a formação de uma classe de estímulo pré-estabelecida em relação aos negros. O estudo de Carvalho (2010) não foi eficaz em seu

objetivo, e, embora houvesse controle rigoroso de variáveis, os participantes pareceram cansados com a quantidade de sessões, o que pode ter comprometido o resultado. Já Mizael (2015), que realizou uma replicação sistemática do estudo de Carvalho (2010), conseguiu a formação de uma classe de estímulos diferente da pré-experimental para todos os participantes. No entanto, em ambos os estudos, talvez devesse ter sido conduzido um treino dos gestos “positivo” e “negativo” e seu teste para uma confirmação do efeito do estímulo.

Considerando a preocupação de Mizael (2015) sobre a necessidade de extensão de seus resultados, o presente estudo buscou verificar se a redução do viés racial em adultos negros e brancos seria obtida por meio de procedimento semelhante ao utilizado pela autora.

No entanto, algumas mudanças no procedimento original foram realizadas: (a) não houve utilização de emparelhamento com e sem atraso (DMTS e SMTS), já que, em Mizael (2015), não houve diferença significativa entre os dois tipos de MTS; portanto, foi utilizado apenas o SMTS; (b) pelo fato de os participantes serem adultos, alguns instrumentos não foram utilizados, como o SAM e a avaliação inicial das relações entre polegar positivo/negativo, figuras de pessoas e figuras abstratas (AC3) como forma de verificação de viés, pois acredita-se que as respostas poderiam ficar sob controle das consequências sociais; preferiu-se utilizar o IRAP, já que a medida de latência pareceu ser mais sutil quanto ao controle exercido sobre a resposta do participante; (c) em relação a Mizael (2015), houve mudança do reforçador bolinha de gude para pontos, que podiam ser trocados por dinheiro, uma vez que, de acordo com a faixa etária, se considerou mais adequado.

Dessa forma, o objetivo deste estudo foi verificar se o procedimento de redução de viés racial negativo em relação a pessoas negras (variável independente – VI), baseado em Mizael (2015), produzia os efeitos de redução de escolhas enviesadas em adultos (variável dependente – VD).

As perguntas que o presente estudo procurou responder foram:

- (a) O procedimento para reduzir o viés racial em adultos foi eficaz?
- (b) O fato de o participante ser branco ou negro interferiu nos resultados?

Método

Participantes

Foram selecionados 17 participantes (10 negros e sete brancos), maiores de 18 anos de idade, de ambos os sexos e de níveis de escolaridade médio ou superior (Tabela 1). Todos foram selecionados após autodeclaração de raça preta ou branca (Apêndice B, p. 72), em questionário preenchido digitalmente e/ou fisicamente. Pessoas que se declararam pardas não foram selecionadas, e a elas foi esclarecido que um dos critérios para a seleção era considerar-se preto ou branco.

Os participantes foram buscados por este pesquisador, que é negro, e deviam ter disponibilidade de, aproximadamente, 1 hora e 20 minutos para a realização de todo o experimento. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento e Esclarecimento (Apêndice A, p. 71). Não foi critério de inclusão a seleção de participantes com viés racial negativo em relação a pessoas negras.

Tabela 1

Características dos Participantes

Participantes pretos				Participantes brancos			
	Sexo	Idade	Escolaridade		Sexo	Idade	Escolaridade
P1	Masculino	19	Superior	B1	Masculino	28	Superior
P2	Feminino	18	Superior	B2	Masculino	28	Superior
P3	Feminino	18	Médio	B3	Feminino	29	Superior
P4	Masculino	34	Superior	B4	Feminino	30	Superior
P5	Feminino	32	Superior	B5	Masculino	58	Superior
P6	Feminino	53	Superior	B6	Feminino	19	Médio
P7	Feminino	22	Superior	B7	Masculino	27	Médio
P8	Masculino	28	Superior				
P9	Feminino	35	Superior				
P10	Masculino	52	Superior				

Nota. Em escolaridade superior, estão incluídos os participantes que declararam estarem

em curso e os que já haviam terminado o Ensino Superior.

Todos os participantes que preencheram digitalmente o Questionário Autodeclaratório preencheram *fisicamente* o Termo de Consentimento e Esclarecimento. Os participantes que se declararam pretos foram nomeados com a letra *P* (“pretos”), e os que se declararam brancos, com a letra *B* (“brancos”), conforme a Tabela 1.

Dos dez participantes pretos, quatro eram do sexo masculino e seis do feminino. Entre os brancos, quatro eram do sexo masculino e três do feminino. A média de idade dos participantes pretos foi de, aproximadamente, 29 anos. A dos brancos foi de, aproximadamente, 31 anos. Em relação ao grau de escolaridade, apenas três pessoas, em ambos grupos, não haviam iniciado o Ensino Superior: duas do sexo feminino e uma do sexo masculino.

Local

A realização do experimento ocorreu em diferentes lugares: nas residências dos participantes, ou nas salas de pesquisa do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento (PEXP), da PUC-SP, que, por sua vez, continham uma mesa e duas cadeiras cada uma. Os ambientes eram silenciosos.

Material e Instrumentos

Foi utilizado um *notebook* de 13 polegadas, com *mouse*. A coleta de dados foi realizada com dois *softwares* específicos: IRAP (Barnes-Holmes et al., 2006) e MTS III (Wallace, 2003).

Questionário autodeclaratório. Composto por seis perguntas: nome, sexo, idade, escolaridade, raça e contato. Foi utilizado para selecionar os participantes por idade e por raça. Não houve critérios de seleção para as demais respostas.

Slides para funções consequenciais dos gestos com polegar. Baseados na primeira etapa do experimento de Whelan e Barnes-Holmes (2004), não demandaram

comportamentos complexos dos participantes, já que a única resposta foi apertar o botão esquerdo do *mouse* sobre um caça-níqueis.

Avaliação Relacional Implícita – IRAP (Barnes-Holmes et al., 2006).

Instrumento que mede o tempo decorrido entre a apresentação da figura de pessoa de raça negra/branca e a resposta demandada no procedimento.

MTS III. *Software* desenvolvido por Wallace (2003) e utilizado por Mizael (2015) para aplicação do procedimento de *matching-to-sample* simultâneo, durante o treino dos participantes.

Procedimento Geral

Contato inicial com participantes. No momento da abordagem, informou-se que o estudo era uma pesquisa de cunho social e teria duração aproximada de 1 hora e 30 minutos. Também se informava era possível ganhar pontos e substituí-los por dinheiro. Assim que o participante era selecionado, o experimentador combinava o local e o horário com o mesmo. No local combinado, era assinado o Termo de Consentimento e Esclarecimento, e o participante era orientado a obter o resultado após a conclusão do estudo.

Treino das funções reforçadoras dos polegares. Com o intuito de dar significados de positivo e negativo a símbolos gestuais, construiu-se uma série de *slides* no Microsoft PowerPoint®. Os *slides* foram programados para serem apresentados apenas quando o cursor do *mouse* fosse clicado na imagem de um caça-níqueis. Quando isso acontecia, a imagem do gesto positivo (pareado com ganhos) ou negativo (pareado com perdas) aparecia no *slide* seguinte. Na sequência, novamente na tela do caça-níqueis, uma quantidade de pontos ganhos ou perdidos aparecia no canto superior direito. O gesto do polegar para cima foi pareado com ganho de pontos e áudio de palmas. O gesto do

polegar para baixo foi pareado com a perda de pontos e áudio da explosão de uma bomba. No último *slide*, o participante terminava com 100 pontos, que puderam ser trocados por dinheiro (R\$ 0,10 por ponto).

Pontos: 20



APERTE O BOTÃO ESQUERDO DO MOUSE EM CIMA DO CAÇA-NÍQUEL PARA PUXAR A ALAVANCA



Você perdeu 03 pontos



Você ganhou pontos 35

Figura 5. Slides do Microsoft PowerPoint® para treino da função reforçadora dos gestos.

Ao iniciar o procedimento, o pesquisador informava ao participante que este devia fazer o que lhe fosse pedido, abria o arquivo e o mantinha em “modo de apresentação de *slides*”. O participante não sabia que se tratava de uma apresentação de *slides*.

O primeiro *slide* tinha duração de 20 s, tempo suficiente para que o participante lesse as instruções dessa etapa: “Este procedimento é semelhante a um jogo de azar. A cada rodada, você poderá ganhar pontos ou perder pontos. Após o término do procedimento, os pontos poderão ser trocados por dinheiro. A cada 10 pontos ganhos, você poderá trocar por 50 centavos ao final do procedimento”.

Na tela do caça-níqueis, não havia contagem de tempo. No entanto, o *slide* somente avançava se o participante clicasse sobre a imagem do caça-níqueis, que, por sua

vez, abria outro *slide* contendo a imagem do polegar para cima ou polegar para baixo, acompanhada do som de aplausos ou bomba, com duração de 5 s. Após a tela do polegar, repetia-se a tela do caça-níqueis, dessa vez, com os pontos ganhos ou perdidos.

Terminado esse procedimento, era realizado um bloco com 16 tentativas de teste para verificar se os gestos adquiriram as funções de estímulos aversivos ou reforçadores. O teste era uma tarefa de MTS, na qual o participante era orientado a clicar na figura do centro (estímulo-modelo: gestos dos polegares) e, então, clicar na imagem correspondente abaixo: filhote de cachorro, família, praia cristalina, dente danificado, comida estragada e lixão (estímulos-comparação). Como critério de seleção, o participante podia errar apenas uma vez nessa etapa.

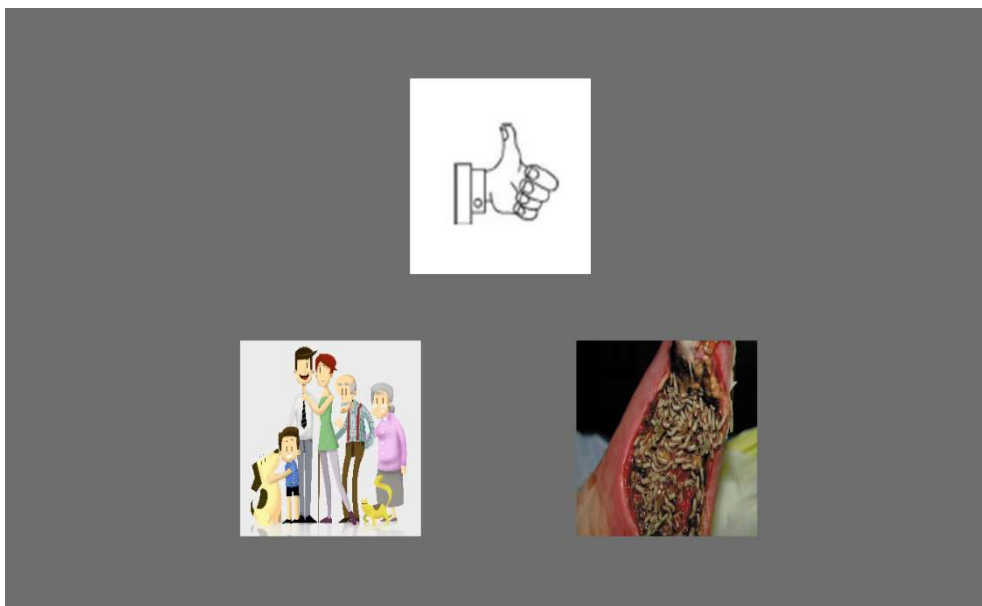


Figura 6. Exemplo de tentativa utilizada no teste de verificação das funções dos gestos do polegar.

Pré-treino de MTS arbitrário. Essa fase teve o objetivo de ensinar o repertório de MTS arbitrário, para uma maior familiaridade com os treinos seguintes. O treino consistiu em um bloco com 15 tentativas, no qual houve um estímulo-modelo e três estímulos-comparação. O participante devia escolher a figura que correspondesse ao

modelo, localizado na parte superior da tela. A cada acerto, aparecia na tela um arco-íris e um barulho de aplausos. A cada erro, a tela escurecia por 2 s. Como estímulos, foram utilizadas formas abstratas e imagens de animais. O participante podia errar até três vezes para avançar de fase, e houve dicas nas três primeiras tentativas. Se o desempenho não fosse efetivo, o bloco era repetido. Ao participante, era dada oralmente a seguinte instrução por parte do pesquisador: “Nesta etapa do procedimento, aparecerá uma imagem no centro e outras três imagens abaixo. Você deverá escolher a imagem abaixo que corresponda à figura central. Ainda que pareça não haver relação entre as imagens, peço que se atente às primeiras tentativas, já que serão dadas dicas para que você consiga ser eficaz no decorrer do procedimento”.

Linha de base e identificação de viés racial para negros (IRAP). O IRAP foi utilizado na linha de base e após a intervenção, a fim de verificar alterações na latência das respostas. Relações mais consistentes tendem a ter menor latência, e relações menos consistentes tendem a ter maior latência (Barnes-Holmes et al., 2006).



Figura 7. Exemplo de tentativa com IRAP, utilizado neste estudo.

Ainda que o IRAP tenha sido aplicado na linha de base e no pós-teste, seus resultados serviram apenas para verificar se o participante apresentava viés negativo em relação a pessoas negras antes e após o procedimento. A utilização do IRAP possibilitou

que a verificação do viés racial fosse realizada rapidamente, evitando um procedimento cansativo para o participante. Considerou-se igualmente relevante a verificação da possibilidade de mudança no viés racial após o procedimento.

A seguinte instrução foi dada oralmente pelo experimentador: “Esta parte do estudo pode parecer estranha, mas é bastante importante. Na tela do computador, aparecerão algumas imagens e algumas palavras, e você deverá responder da forma que lhe for solicitada, independentemente do que você pensa a respeito. Inicialmente, aparecerão algumas pessoas negras, e você deverá escolher características negativas para elas. Da mesma forma, aparecerão imagens de pessoas brancas, e você deverá escolher características positivas para elas. Em uma segunda parte, ocorrerá o inverso, e, na tela, aparecerá o pedido para responder dessa nova maneira. Então, não estamos interessados, neste momento do estudo, em identificar sua opinião, mas verificar se consegue fazer esse exercício da forma que será pedida. Obrigado. Entendido?”. Dúvidas foram respondidas de forma semelhante à instrução inicial (p. 32): “A tela é composta por uma imagem no centro e uma palavra embaixo. Ainda mais embaixo, à esquerda e à direita da tela, você terá a opção de ‘verdadeiro’ ou ‘falso’. Se a tecla ‘D’ for acionada, significa que você escolheu a opção à esquerda, ‘verdadeiro’; e a tecla K, a opção à direita, ‘falso’. Quando você acertar a resposta – escolher ‘verdadeiro’ ou ‘falso’ de acordo com a instrução –, uma nova imagem aparecerá. Caso você erre, aparecerá um ‘X’ na tela. Estarei aqui para qualquer dúvida”.








Fase de treino. Foi realizado o treino das seguintes relações: (a) polegares positivo/negativo – figuras abstratas (AB); (b) figuras abstratas – figuras de pessoas negras/figura abstrata (BC); (c) relação mista entre polegares positivo/negativo, figuras abstratas e figuras de pessoas negras (ABBC). Como critério de aprendizagem, o

participante podia errar apenas uma vez em um bloco de cada treino – e precisava passar por dois blocos seguidos para avançar à fase seguinte. Após cada treino, foi realizado um teste de simetria, e, nesse teste, o erro podia ocorrer em apenas um bloco.

A ordem dos estímulos foi apresentada de forma randômica, a fim de evitar o aprendizado pela posição das figuras. O intervalo entre as tentativas foi de 1,5 s. A cada acerto, a tela do computador era alterada para estrelas e um barulho indicando que o participante acertou. No caso de uma resposta errada, a tela escurecia por 1,5 s. Os estímulos utilizados são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2

Lista de Estímulos Utilizados para o Treino de MTS

A1 (apenas um estímulo)	
A2 (apenas um estímulo)	
B1 (apenas um estímulo)	
B2 (apenas um estímulo)	
C1 (4 fotos de negros)	
C2 (apenas um estímulo)	
C3 (4 fotos de brancos)	

Treino AB. Iniciou-se com o treino da relação polegar positivo – figura abstrata (A1B1); e da relação polegar negativo – figura abstrata (A2B2), realizado em dois blocos

de 16 tentativas (Tabela 2). Ao ser atingido o critério, foi realizado teste de simetria das relações figuras abstratas e polegares positivo/negativo (BA), em apenas um bloco com 16 tentativas. O participante podia errar apenas uma vez para avançar à fase seguinte. Não sendo atingido o critério, o treino era repetido.

Treino BC. Treino da relação figura abstrata – figuras de pessoas negras (B1C1); e da relação figura abstrata – figura abstrata (B2C2) (Tabela 2). Assim como no treino anterior, houve dois blocos de 16 tentativas que seguiram os mesmos critérios de acertos e erros. Após atingir o critério, foi realizado o teste de simetria das relações figuras de pessoas negras – figuras abstratas (CB), em apenas um bloco com 16 tentativas.

Treino misto ABBC. Dois treinos mistos com dois blocos de 16 tentativas: 16 tentativas com as relações polegares positivo/negativo – figuras abstratas (AB); 16 tentativas com as relações figuras abstratas – figuras de pessoas negras/figura abstrata (BC) (Tabela 2).

Fase de teste. A Fase de Teste teve como objetivo avaliar se emergiu a relação de equivalência entre os estímulos. Para o teste de equivalência, foram testados dois blocos de 32 tentativas com cada participante, sendo: (a) 16 nas relações polegar positivo – figuras de pessoas negras (A1C1) e polegar negativo – figura abstrata (A2C2); e (b) 16 nas relações figuras de pessoas e polegares positivo/negativo (CA). Não houve liberação de consequências. Dessa forma, para ter emergido a relação de equivalência, o participante, na presença de polegar positivo (A1), devia selecionar figuras de pessoas negras (C1); e, diante de polegar negativo (A2), selecionar figura abstrata (C2).

Ao fim da fase, realizou-se o teste das relações polegares positivo/negativo – pessoas negras, brancas e figura abstrata (AC3). Neste último caso, foram dois blocos com 16 tentativas cada, mantido o mesmo critério do teste de equivalência. Dessa forma,

esperava-se que o estímulo-comparação pessoa negra estivesse na mesma classe que o polegar positivo; e a figura abstrata, na mesma classe que o polegar negativo.

Pós-teste. No pós-teste, houve novamente a aplicação do IRAP, a fim de identificar se houve transferência de função e constatar se houve mudanças no viés racial implícito.

Resultados

Treino das Funções Reforçadoras dos Polegares

Essa etapa do procedimento, cujo objetivo foi tornar os símbolos do polegar para cima e polegar para baixo, respectivamente, com função de reforçadores e aversivos, obteve os resultados desejados para quase todos os participantes, à exceção do participante P1. Na primeira parte (treino), todos os participantes alcançaram o mesmo desempenho, uma vez que os *slides* conduziam sempre à somatória de 100 pontos. A diferença entre os participantes deu-se no tempo para finalização: houve participantes que localizaram o melhor lugar, na tela, para clicar e não perderem pontos, enquanto outros clicavam no mesmo local desde o início, ainda que com pouca eficácia (Tabela 3).

Tabela 3

Desempenho dos Participantes no Teste dos Polegares

Participantes	Repetições da etapa	N.º de tentativas	Erros nos blocos
P1*	2	11/16	2-8-10-11-15
P2	0	16/16	0
P3	0	16/16	0
P4	0	15/16	9
P5	0	15/16	10
P6	0	16/16	0
P7	0	16/16	1
P8	0	16/16	0
P9	0	16/16	0
P10	0	16/16	0
B1	0	14/16	8-14
B2	0	15/16	8
B3	0	16/16	0
B4	0	15/16	3
B5	0	16/16	0
B6	0	16/16	0
B7	0	16/16	0

Especificamente em relação ao participante P1, este não atingiu os critérios para avançar à etapa seguinte. Inicialmente, foi realizado o treino, no qual, caso cumprisse a instrução de clicar na tela, seria obtida a pontuação. Após o treino, foi realizado o teste, e P1 devia relacionar os gestos de polegar positivo e polegar negativo a figuras socialmente

consideradas positivas e negativas, respectivamente. Entretanto, o mesmo pareceu fazer algumas escolhas de forma aleatória. Após errar a primeira vez, repetiu-se o treino com P1, e, antes que ele reiniciasse o teste, foi explicado, de forma enfática, que era necessário clicar na figura correspondente. O participante, porém, errou novamente, e, por isso, foram repetidos o treino e o teste. Todavia, mais uma vez, P1 não avançou à fase seguinte. Uma vez que houve cinco tentativas na última Fase de Teste, não se atingiu o critério exigido, e P1 não pôde continuar a participar da pesquisa.

Como se observa na Tabela 3, ainda que quase todos os participantes tenham atingido o critério para passar para a próxima fase, sete pessoas (quatro negros e três brancos, identificados por tarjas cinza na tabela) emitiram respostas erradas. Constatou-se, portanto, a importância dessa fase, uma vez que os pesquisadores podem, aprioristicamente, assumir que os gestos dos polegares já estejam estabelecidos na comunidade verbal da forma esperada.

Pré-Treino de MTS Arbitrário

Essa etapa registrou o maior número de erros entre todas as do estudo, mesmo já tendo o critério mais “flexível” quanto à relação entre erros e acertos (permissão de três erros para avançar à fase seguinte). No entanto, não se observou um padrão de erros: alguns participantes erraram as tentativas do início, outros, as do meio e um terceiro grupo, as do fim.

Como se observa na Tabela 4, dos 16 participantes que chegaram a essa etapa, oito precisaram repeti-la ao menos uma vez, e apenas o participante P9 não emitiu nenhuma resposta errada. Em contraposição, o participante P6 repetiu a etapa por três vezes antes de alcançar o critério exigido.

Tabela 4

Desempenhos dos Participantes no Pré-Treino de MTS Arbitrário

Participantes	Repetições da etapa	N.º de tentativas	Erros nos blocos
P2	1	15/15	0
P3	1	13/15	2-9
P4	0	12/15	3-4-14
P5	1	13/15	4-6
P6	3	15/15	0
P7	0	14/15	13
P8	0	14/15	9
P9	0	15/15	0
P10	0	14/15	13
B1	1	15/15	0
B2	1	15/15	0
B3	1	15/15	0
B4	0	13/15	2-3
B5	0	12/15	6-12
B6	0	14/15	2
B7	1	15/15	0

Nota. O participante P1 não realizou essa etapa do procedimento nem as seguintes.

Treino AB

Primeira fase de treino para relação de equivalência. Apenas quatro participantes precisaram repetir o bloco, já que podiam errar apenas uma vez em cada relação. Por não haver dicas iniciais, foi comum errarem na primeira tentativa (Tabela 5). Os outros quatro participantes que não repetiram o teste erraram na primeira tentativa, mas acertaram todas as outras relações (P3, P6, B2 e B3).

Tabela 5

Desempenho dos Participantes na Fase de Treino e Simetria das Relações AB

Participantes	Repetições da etapa	N.º de tentativas	Erros nos blocos	Simetria		Repetições da etapa
				N.º de tentativas	Erros nos blocos	
P2	1	32/32	0	15/16	14	0
P3	0	31/32	1	16/16	0	1
P4	0	32/32	0	16/16	0	0
P5	0	32/32	0	16/16	0	0
P6	0	31/32	1	16/16	0	0
P7	0	32/32	0	16/16	0	0
P8	0	32/32	0	16/16	0	0
P9	0	32/32	0	16/16	0	0
P10	1	32/32	0	16/16	0	0
B1	1	32/32	0	16/16	0	0
B2	0	31/32	1	16/16	0	0
B3	0	31/32	1	16/16	0	0
B4	0	32/32	0	16/16	0	1
B5	1	32/32	0	16/16	0	0
B6	0	31/32	31	16/16	0	0
B7	1	32/32	0	16/16	0	0

Em relação ao teste de simetria, apenas dois participantes não atingiram o critério, e, para eles, o teste foi repetido: P3 (negro) e B4 (branco). O participante B4, após a segunda aplicação, não emitiu nenhuma resposta errada, diferentemente de P3, que emitiu uma resposta errada no final do teste. Além disso, cinco participantes precisaram repetir essa fase de treino (tarjas cinza), e apenas um indivíduo (B6) precisou repetir a Fase de Teste. Todos avançaram à fase seguinte.

Treino BC

Diferentemente da fase anterior, apenas um participante, P9, precisou repetir essa etapa por não alcançar os critérios. Muitos participantes, no entanto, emitiram respostas erradas, principalmente na primeira tentativa, o que se justifica por não ter havido ajuda alguma para a resposta correta (Tabela 6). Dessa forma, supõe-se que o participante, ao errar a primeira tentativa, compreendia qual resposta era a correta e deixava de errar posteriormente.

Em relação ao teste de simetria, apenas o participante B7 precisou repetir a etapa.

Tabela 6

Desempenho dos Participantes na Fase de Treino e Simetria das Relações BC

Participantes	Repetições da etapa	N.º de tentativas	Erros nos blocos	Simetria		
				N.º de tentativas	Erros nos blocos	Repetições da etapa
P2	0	31/32	1	16/16	0	0
P3	0	32/32	0	16/16	0	0
P4	0	31/32	31	16/16	0	0
P5	0	31/32	1	16/16	0	0
P6	0	32/32	0	16/16	0	0
P7	0	32/32	0	16/16	0	0
P8	0	32/32	0	16/16	0	0
P9	1	31/32	1	16/16	0	0
P10	0	32/32	0	16/16	0	0
B1	0	32/32	0	16/16	0	0
B2	0	32/32	0	16/16	0	0
B3	0	32/32	0	16/16	0	0
B4	0	32/32	0	16/16	0	0
B5	0	31/32	29	16/16	0	0
B6	0	30/32	1-2	16/16	0	0
B7	0	31/32	1	16/16	0	1

Treino ABBC

Etapa cujo objetivo foi enfatizar as relações já aprendidas. Como visto na Tabela 7, nesta etapa, os participantes obtiveram o melhor desempenho em relação às outras etapas, já que não houve nenhum erro, exceto pelo participante B7, que repetiu a etapa por não ter sido formada a classe de equivalência.

Tabela 7

Desempenho dos Participantes na Fase de Treino das Relações ABBC

Participantes	Repetições da etapa	N.º de Tentativas	Erros nos Blocos
P2	0	32/32	0
P3	0	32/32	0
P4	0	32/32	0
P5	0	32/32	0
P6	0	32/32	0
P7	0	32/32	0
P8	0	32/32	0
P9	0	32/32	0
P10	0	32/32	0
B1	0	32/32	0
B2	0	32/32	0
B3	0	32/32	0
B4	0	32/32	0
B5	0	32/32	0
B6	0	32/32	0
B7*	1	32/32	0

Teste AC

Nessa fase, foi testada a relação não treinada AC (gestos dos polegares – figuras de pessoas negras), com o objetivo de avaliar a emergência dessa relação (equivalência). Como visto na Tabela 8, para todos os participantes, houve emergência da relação AC, exceto para B7. Alguns participantes registraram um erro, fato que não foi repetido durante a simetria.

Tabela 8

Desempenho dos Participantes na Fase de Teste de Equivalência

Participantes	Repetições da etapa	N.º de tentativas	Erros nos blocos	Simetria		Repetições da etapa
				N.º de tentativas	Erros nos blocos	
P2	0	16/16	0	16/16	0	0
P3	0	16/16	0	16/16	0	0
P4	0	16/16	0	15/16	7	0
P5	0	15/15	9	16/16	0	0
P6	0	15/16	11	16/16	0	0
P7	0	16/16	0	16/16	0	0
P8	0	16/16	0	16/16	0	0
P9	0	16/16	0	16/16	0	0
P10	0	16/16	0	16/16	0	0
B1	0	16/16	0	16/16	0	0
B2	0	16/16	0	16/16	0	0
B3	0	16/16	0	16/16	0	0
B4	0	16/16	0	15/16	9	0
B5	0	16/16	0	16/16	0	0
B6	0	16/16	0	16/16	0	0
B7*	2	0/16	Todos	16/16	0	0

Nota. Todos = erros em todas as tentativas.

O participante B7 realizou essa etapa, mas não obteve êxito e, ao repeti-la pela primeira vez, errou todas as tentativas. Dessa forma, foi necessário que realizasse novamente as relações ABBC, obter êxito (100% acertos) e repetir o teste de equivalência, no qual, porém, voltou a errar. Embora não se tenha formado a classe de estímulos equivalentes para esse participante, ao ser testada a relação de simetria da transitividade (CA), o participante obteve 100% de acertos. No entanto, no cômputo geral, B7 não obteve os critérios necessários para formação de classes de equivalência. Com exceção dele, todos os demais participantes formaram as classes.

Teste AC3

Essa fase foi realizada para verificar se estímulos pessoas brancas afetariam as respostas dos participantes. Cinco participantes tiveram alteração em suas respostas, quando os estímulos incluíram pessoas brancas: um participante negro (P2) e quatro brancos (B1, B5, B6 e B7). Os participantes P2, B1 e B5 responderam de forma

semelhante para pessoas negras ou brancas, ou seja, relacionaram características positivas para pessoas brancas ou negras. Surpreendentemente, os participantes B6 e B7, brancos, relacionaram pessoas brancas a características negativas, relação que não havia sido ensinada no procedimento. Para os demais participantes do estudo, que constituíram a maioria dessa etapa, a utilização de estímulos compostos por pessoas brancas não afetou o responder.

IRAP

O IRAP foi o instrumento utilizado para verificação do viés racial e sua possível mudança. Optou-se por mantê-lo ao final do procedimento, pois seria possível comparar os resultados antes e depois da aplicação do MTS.

Como já relatado, o IRAP é um instrumento que verifica a latência entre a apresentação dos estímulos e a resposta do participante. Exigiu-se que os participantes respondessem em uma velocidade mínima de 2.000 ms. Para uma maior precisão, o programa também avaliou a quantidade de acertos dos participantes. Todos, tanto no pré-teste quanto no pós-teste, obtiveram um acerto mínimo de 80% (em apenas um bloco na Fase de Teste, o mínimo de acertos podia ser 70%).

A partir das medidas de acertos e tempo, o programa forneceu dados *D-scores*, nos quais se verifica a mudança obtida baseada em quatro relações: branco-bom (B+), branco-mau (B-), negro-bom (N+), negro-mau (N-). Quanto mais próximo de zero, mais não se identificavam diferenças nas relações chamadas de consistentes ou de inconsistentes: nessa situação, o participante havia respondido com uma velocidade semelhante tanto para verdadeiro como para falso. No entanto, quando os *D-scores* se afastavam do zero, podia-se dizer que houve diferença entre as apresentações de estímulos distintos e as respostas do participante. Todos os dados que obtivessem uma distância

significativa de zero são classificados com asteriscos (*) na Figura 8 – e quanto maior a quantidade de asteriscos, maior a distância. Dessa forma, de acordo com a figura, nota-se que a relação branco–mau não obteve diferença relevante (muito próxima de zero).

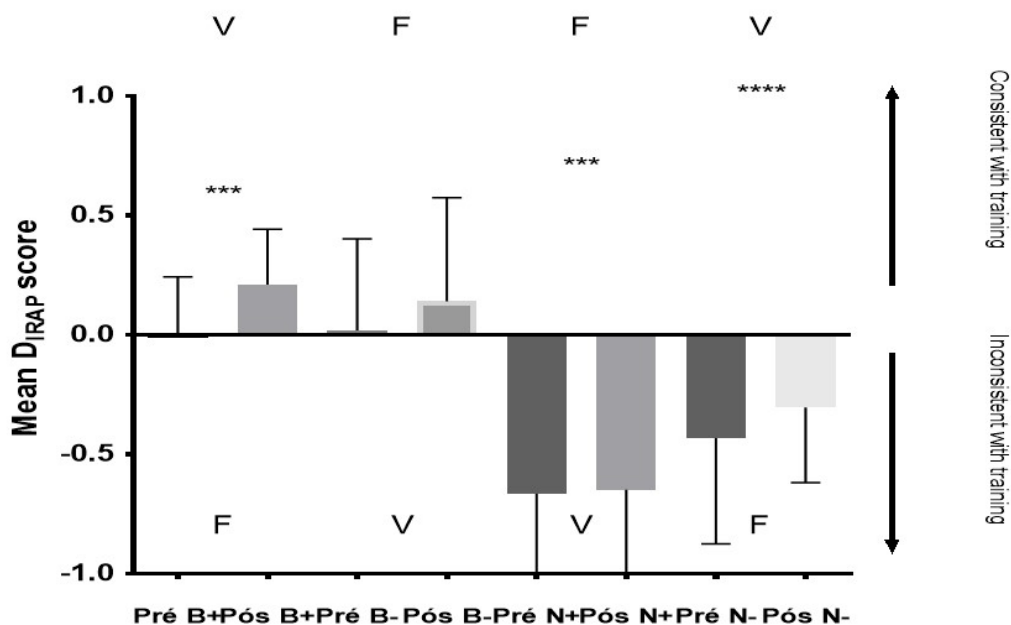


Figura 8. Média do IRAP (D-score) dos participantes negros. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco–bom (B+), branco–mau (B-), negro–bom (N+) e negro–mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas dos participantes. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro–bom, negro–mau, branco–bom e branco–mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas paralelamente para facilitar a comparação.

Na relação branco–bom, após o treino, os participantes responderam mais rapidamente para a opção Verdadeiro do que para Falso, o que resultou em um escore médio de 0,21.

Na relação negro–bom, os participantes responderam, de forma geral, mais rapidamente

para a opção Verdadeiro, sem mudança substancial em relação à Fase de Treino. Para a relação negro–mau, os participantes responderam de forma mais rápida para Falso e, após o treino, houve diminuição ainda maior do tempo de resposta (30%): o D-score inicial foi de 0,43, e o final, 0,30. O treino, portanto, teve uma função oposta à esperada e, em vez de deixar a relação mais consistente, tornou-a menos consistente.

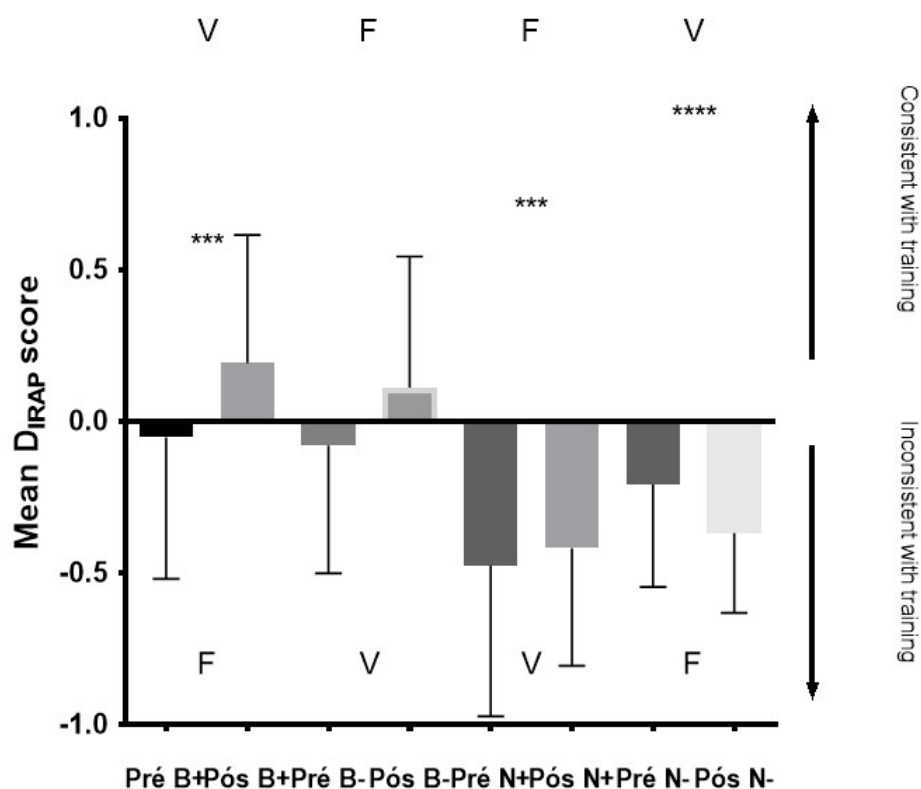


Figura 9. Média do IRAP (D-score) dos participantes brancos. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco–bom (B+), branco–mau (B-), negro–bom (N+) e negro–mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas dos participantes. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro–bom, negro–mau, branco–bom e branco–mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas paralelamente para facilitar a comparação.

Da mesma forma que os participantes negros, os participantes brancos (Figura 9) também não obtiveram respostas distantes de zero para a relação branco–mau, e não se notam diferenças no responder. Na relação branco–bom, percebe-se que, mesmo sem treinar nenhuma relação com pessoas brancas, após o treino, os participantes começaram a responder mais rapidamente para Verdadeiro. Também na relação negro–bom, os participantes responderam mais rapidamente para Verdadeiro, mas, após treino, houve uma pequena diminuição na velocidade das respostas. Por fim, na relação negro–mau, os participantes responderam de forma mais rápida para Falso e, após a Fase de Treino, houve aumento do D-score de 0,20 para 0,37. O treino, portanto, favoreceu a escolha de Falso mais rapidamente para a relação negro–mau.

IRAP – Participantes Negros

Os dados obtidos pelos participantes negros foram bastantes distintos entre si e divididos, nas figuras a seguir, de acordo com uma maior semelhança no responder: P2, P6 e P7; P5, P8, P9 e P10; P3 e P4.

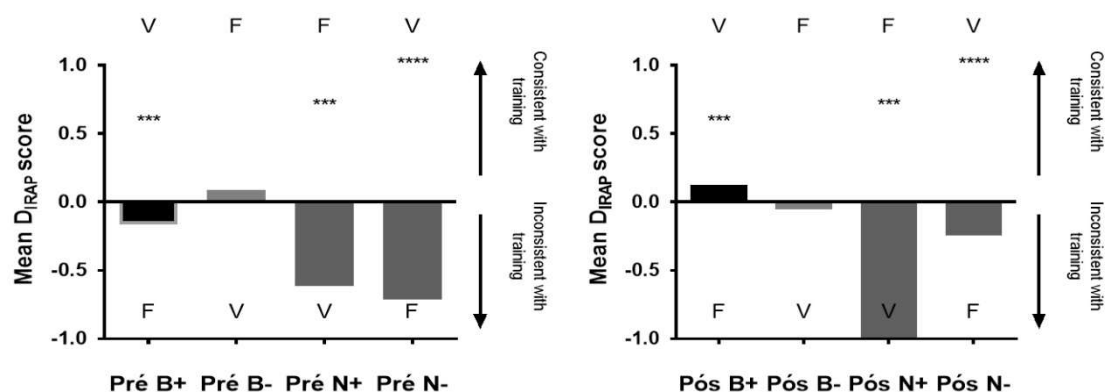


Figura 10. Desempenho de P2 no IRAP. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco-bom (B+), branco-mau (B-), negro-bom (N+) e negro-mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas do participante. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro-bom, negro-mau, branco-bom e branco-mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas para facilitar a comparação.

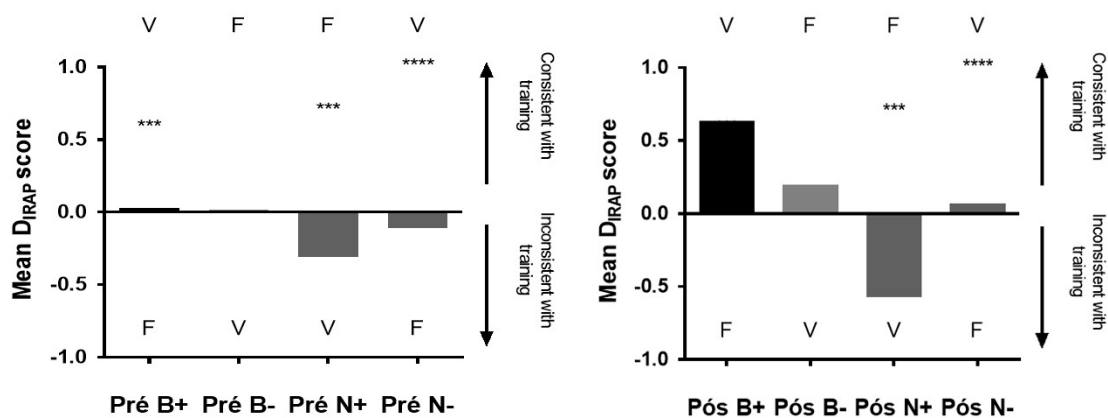


Figura 11. Desempenho de P6 no IRAP. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco-bom (B+), branco-mau (B-), negro-bom (N+) e negro-mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas do participante. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro-bom, negro-mau, branco-bom e branco-mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas para facilitar a comparação.

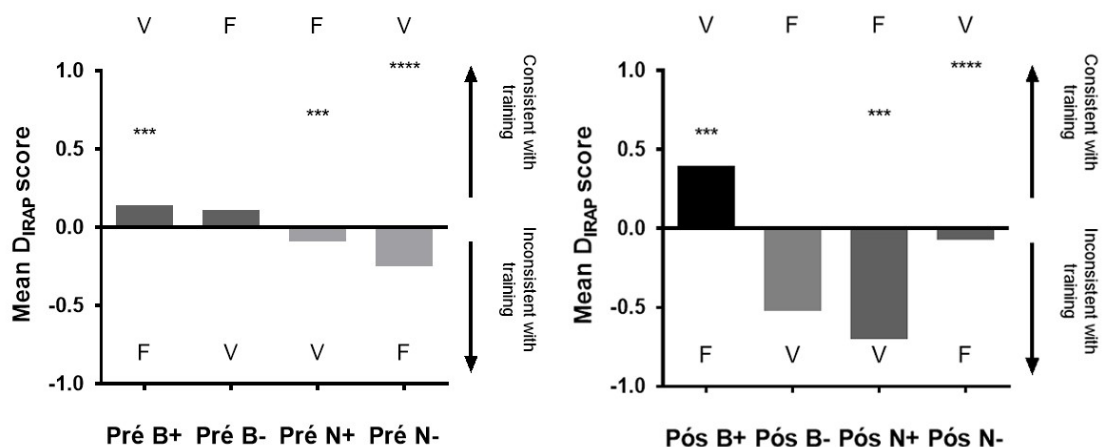


Figura 12. Desempenho de P7 no IRAP. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco-bom (B+), branco-mau (B-), negro-bom (N+) e negro-mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas do participante. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro-bom, negro-mau, branco-bom e branco-mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas para facilitar a comparação.

Nas figuras que representam os resultados dos participantes P2, P6 e P7 (Figuras 10, 11 e 12), nota-se que nenhum dos três participantes obteve dados que indicassem viés racial implícito negativo para pessoas negras: todos responderam de forma mais rápida em tentativas com negro-bom e Verdadeiro, antes mesmo da fase de treino, resultado que se lê em *Pré N+* e *V*.

O participante P2 (Figura 10), antes do treino, respondia de forma mais rápida para Falso quando se tratava de branco-bom e quando se tratava de branco-mau. Em relação às pessoas negras, P2 respondia de forma mais rápida para Verdadeiro em negro-

bom e mais rápido para Falso em negro–mau. Logo após o treino, houve um aumento significativo para Verdadeiro em relação a negro–bom, resultado esperado após o treino. Ainda assim, houve uma diminuição do tempo em Falso e negro–mau, condição em que se esperava tempo maior após o treino. Conclui-se, portanto, que o treino foi eficaz apenas na relação negro–bom e Verdadeiro.

Os participantes P6 e P7, assim como P2, responderam de forma mais rápida aos estímulos negro–bom e Verdadeiro antes do treino. Após o treino de MTS, ambos tiveram um aumento expressivo no tempo em relação aos mesmos estímulos. Ainda que negro–bom tenha tido uma diminuição no tempo, em ambos os casos após o treino, os participantes responderam mais lentamente para negro–mau e Falso.

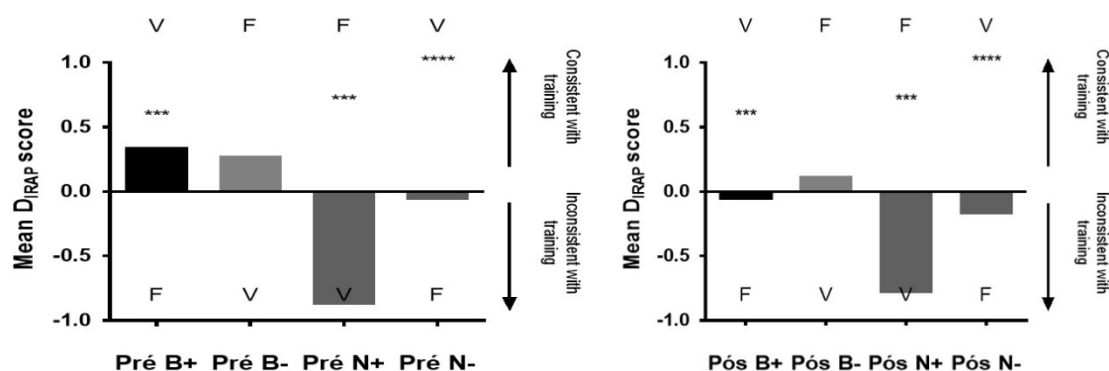


Figura 13. Desempenho de P5 no IRAP. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco–bom (B+), branco–mau (B-), negro–bom (N+) e negro–mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas do participante. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro–bom, negro–mau, branco–bom e branco–mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas para facilitar a comparação.

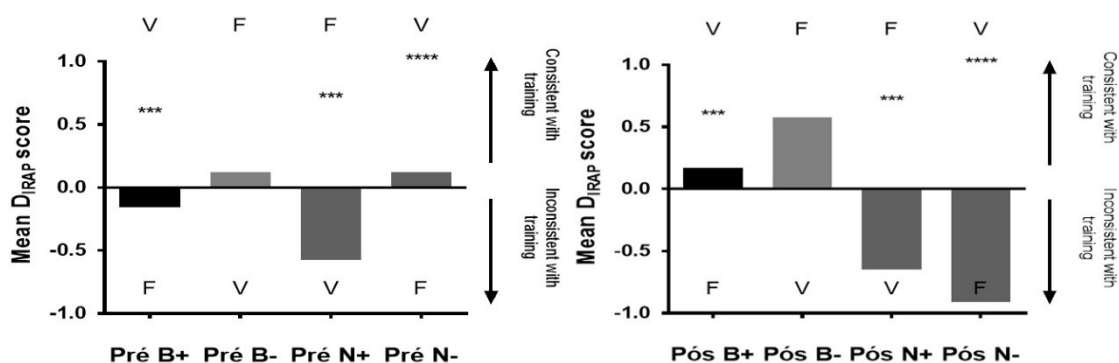


Figura 14. Desempenho de P8 no IRAP. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco-bom (B+), branco-mau (B-), negro-bom (N+) e negro-mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas do participante. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro-bom, negro-mau, branco-bom e branco-mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas para facilitar a comparação.

O participante P5 (Figura 13) não obteve mudança relevante entre negro-bom e Verdadeiro, e seu tempo foi diminuído. Todavia, em negro-mau e Falso, observa-se um aumento do tempo após o treino. Após a Fase de Treino, também diminuiu o tempo para branco-bom, dado que não se era esperado com o treino, já que se treinavam apenas relações com pessoas negras.

O participante P8 (Figura 14) manteve a mesma relação entre negro–bom e Verdadeiro, e não houve mudança após o treino. No entanto, na relação negro–mau e Falso, obteve um aumento considerável após o treino, já que anteriormente respondia mais rapidamente para a relação negro-mau e verdadeiro. Na relação branco–mau e Falso, observou-se um aumento, mesmo que não tenha sido realizado nenhum treino em relação a essa possibilidade.

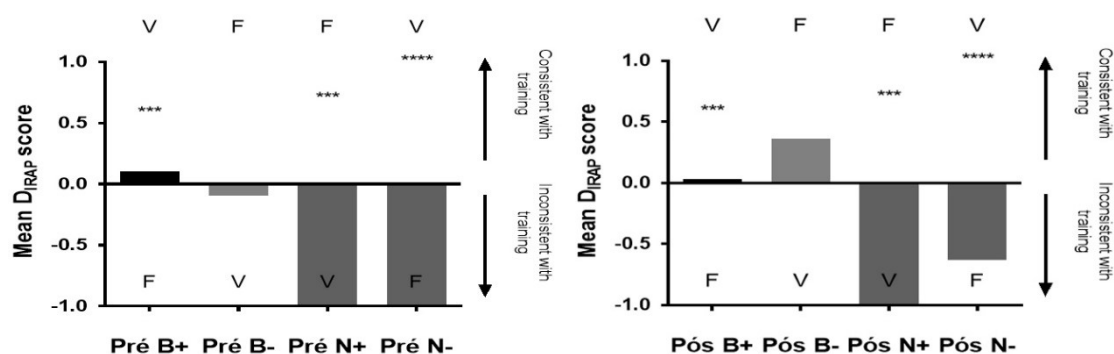


Figura 15. Desempenho de P9 no IRAP. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco–bom (B+), branco–mau (B-), negro–bom (N+) e negro–mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas do participante. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro–bom, negro–mau, branco–bom e branco–mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas para facilitar a comparação.

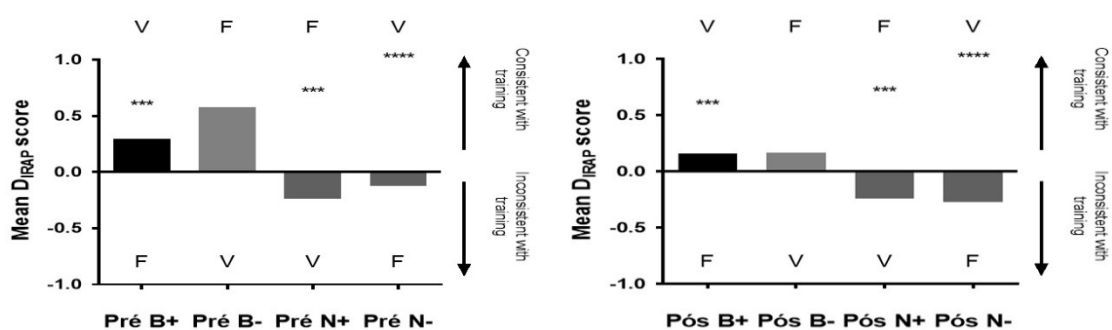
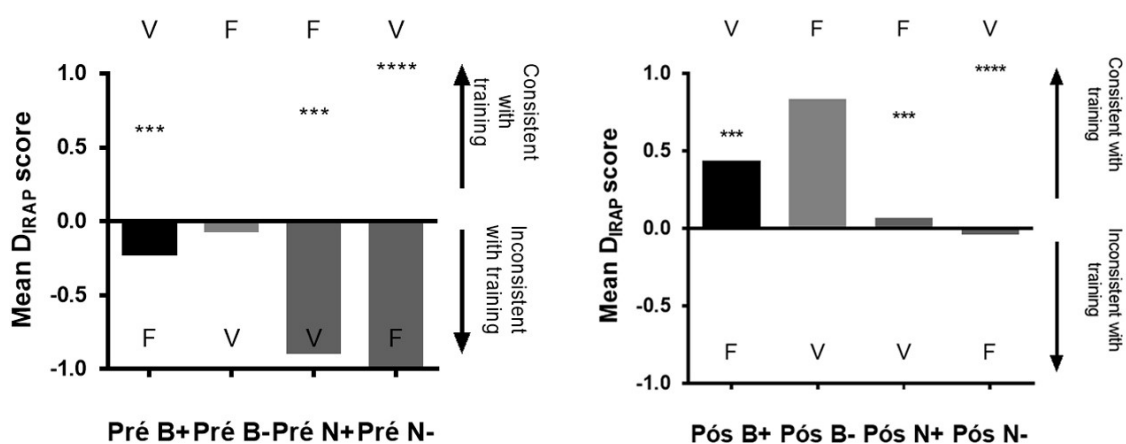


Figura 16. Desempenho de P10 no IRAP. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco-bom (B+), branco-mau (B-), negro-bom (N+) e negro-mau (N-) no pré e pós-treino. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas do participante. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro-bom, negro-mau, branco-bom e branco-mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas para facilitar a comparação.

Os participantes P9 e P10 (Figuras 15 e 16) não apresentaram alteração frente à relação negro-bom e Verdadeiro nem obtiveram alterações pertinentes na relação negro-mau e Falso. O participante P9 começou, inclusive, a responder mais lentamente após o treino. Também após o treino, as relações branco-bom e Verdadeiro; e branco-mau e Falso tiveram seus tempos diminuídos.



Pré B+Pré B-Pré N+Pré N- **Pós B+ Pós B- Pós N+ Pós N-**

Figura 17. Desempenho de P3 no IRAP. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco-bom (B+), branco-mau (B-), negro-bom (N+) e negro-mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas do participante. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro-bom, negro-mau, branco-bom e branco-mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas para facilitar a comparação.

O participante P3 (Figura 17) obteve um resultado diferente de todos os outros: parece ter havido inversão. Nota-se que, inicialmente, P7 demonstra uma relação “positiva” para pessoas negras, já que responde com velocidade alta nas relações negro-bom e Verdadeiro; e negro-mau e falso. No entanto, após o treino, os resultados mudam nitidamente, como se o treino tivesse o objetivo de fortalecer relações entre brancos e estímulos positivos. Isso porque as relações branco-bom e Verdadeiro; e branco-mau e Falso obtiveram um aumento considerável no tempo de resposta para P7, após treino. O treino, portanto, não foi eficaz para esse participante.

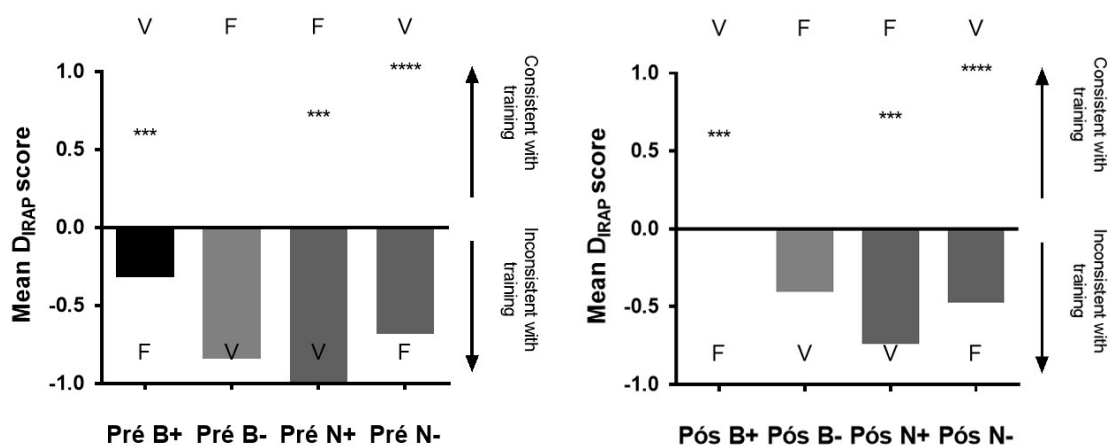


Figura 18. Desempenho de P4 no IRAP. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco–bom (B+), branco–mau (B-), negro–bom (N+) e negro–mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas do participante. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro–bom, negro–mau, branco–bom e branco–mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas para facilitar a comparação.

Vale destacar o participante P4 pelo aspecto enviesado em relação às pessoas brancas, uma vez que foi o único participante a responder mais rapidamente para branco–mau e Verdadeiro; e branco-bom e Falso. Após o treino, diminuiu o tempo de resposta para a relação entre branco–mau e Verdadeiro, mas o viés ainda se manteve. Em relação aos estímulos relacionados a negros, seu tempo de resposta diminuiu, em vez de aumentar.

Em síntese, pode-se dizer que o resultado do treino para participantes negros não foi eficaz e, em alguns casos, foi obtido um resultado oposto ao esperado.

IRAP – Participantes Brancos

Assim como os participantes negros, não foi identificado viés racial negativo implícito entre os participantes brancos antes do treino. Após o treino, houve alterações nos resultados nas relações negro–bom e negro–mau, mostradas a seguir.

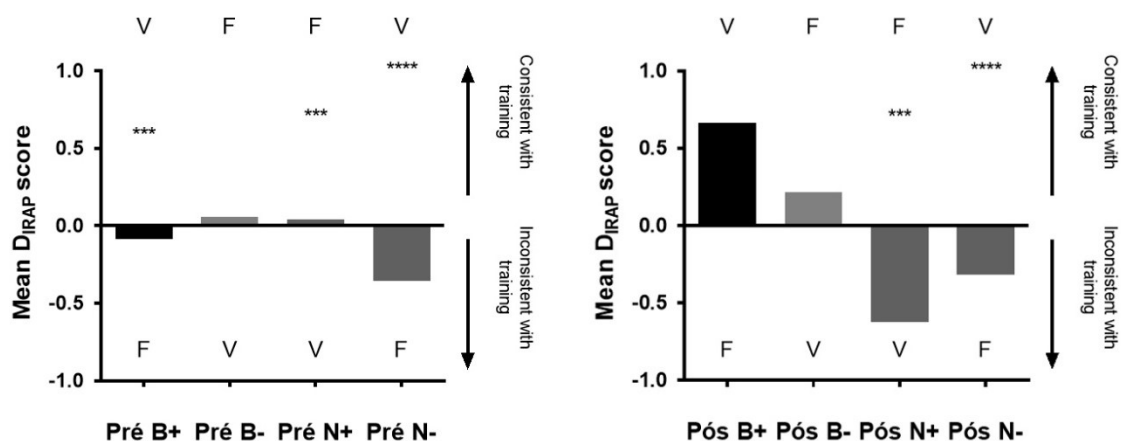


Figura 19. Desempenho de B3 no IRAP. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco–bom (B+), branco–mau (B-), negro–bom (N+) e negro–mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas do participante. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro–bom, negro–mau, branco–bom e branco–mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas paralelamente para facilitar a comparação.

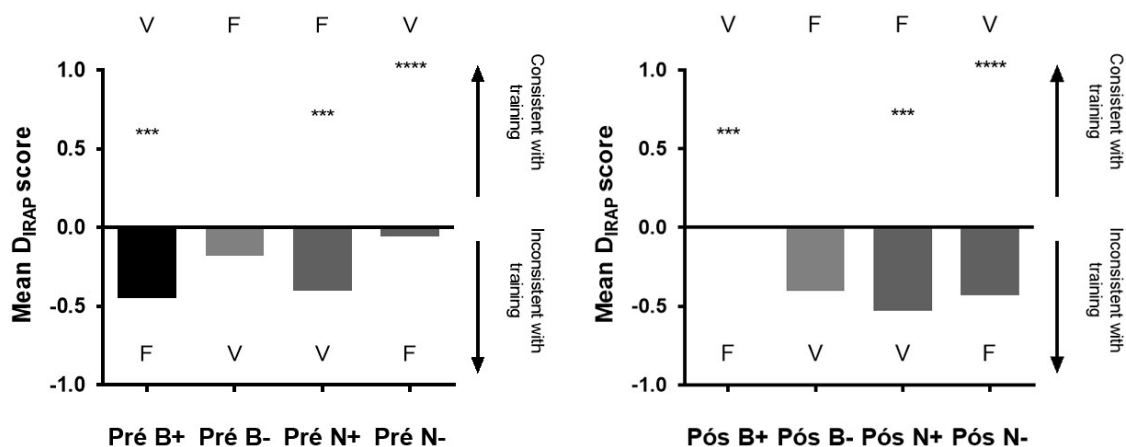


Figura 20. Desempenho do B7 no IRAP. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco-bom (B+), branco-mau (B-), negro-bom (N+) e negro-mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas do participante. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro-bom, negro-mau, branco-bom e branco-mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas para facilitar a comparação.

Tanto o participante B3 quanto o participante B7 (Figuras 19 e 20) apresentaram um aumento no tempo de responder para a relação negro-bom e Verdadeiro, após a Fase de Treino, ainda que apenas B3 tenha apresentado um valor relevante de mudança. Além disso, ainda B7 não tenha formado classes de equivalência, foi capaz de responder mais rapidamente para negro-mau e Falso.

Os outros participantes – B1, B2, B4, B5 e B6, cujos resultados são apresentados nas figuras a seguir – apresentaram um aumento no tempo de resposta na relação negro-mau e Falso, ainda que com baixo valor, após o treino.

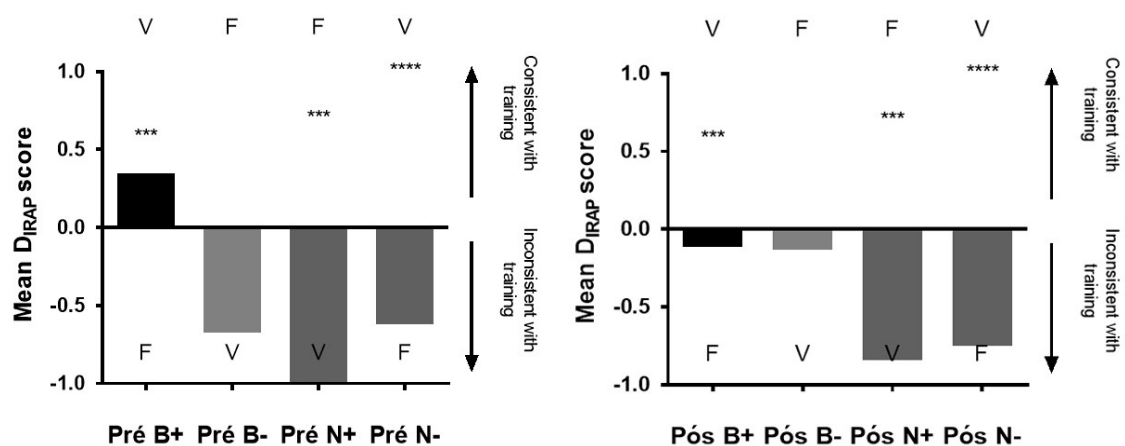


Figura 21. Desempenho de B1 no IRAP. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco-bom (B+), branco-mau (B-), negro-bom (N+) e negro-mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas do participante. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro-bom, negro-mau, branco-bom e branco-mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas para facilitar a comparação.

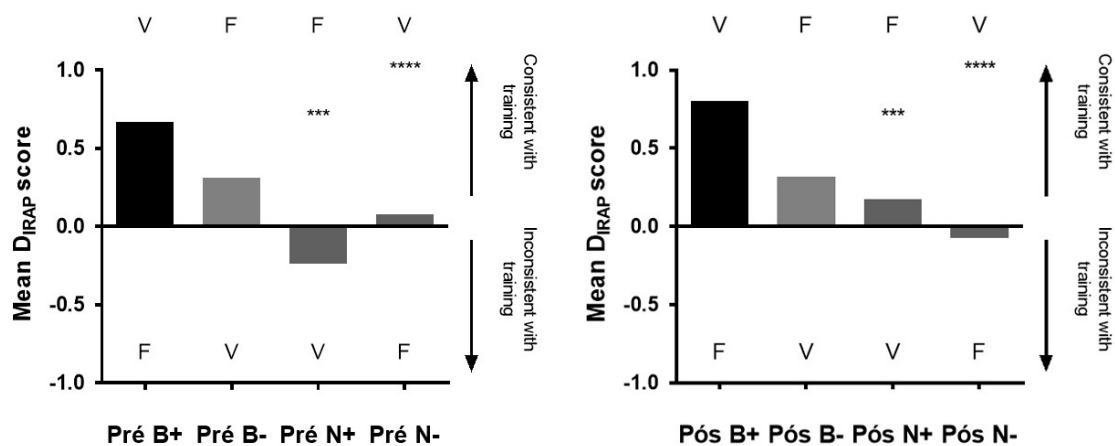


Figura 22. Desempenho de B2 no IRAP. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco-bom (B+), branco-mau (B-), negro-bom (N+) e negro-mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas do participante. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro-bom, negro-mau, branco-bom e branco-mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas para facilitar a comparação.

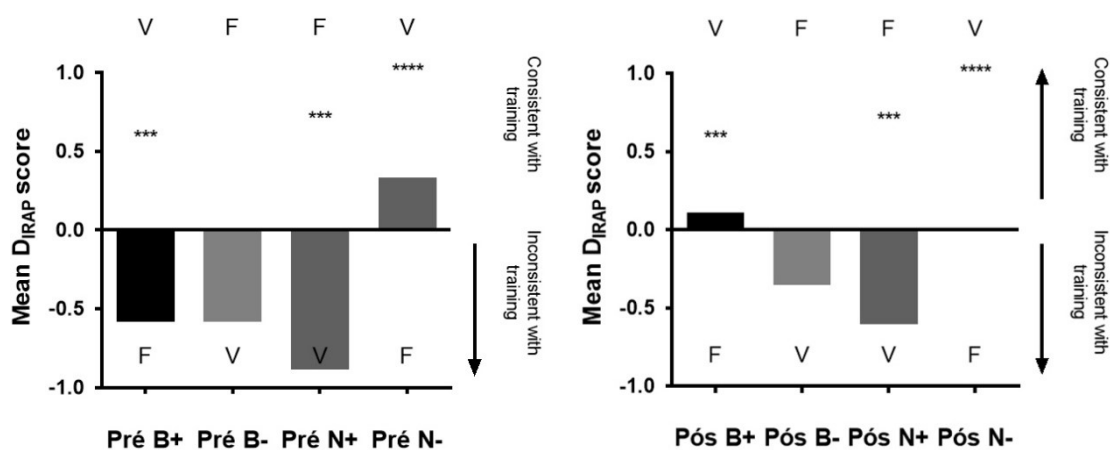
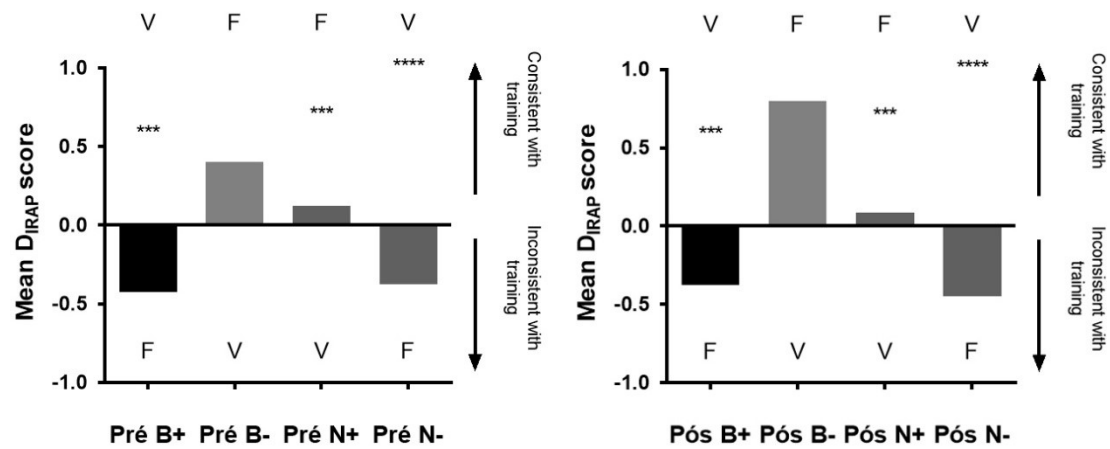
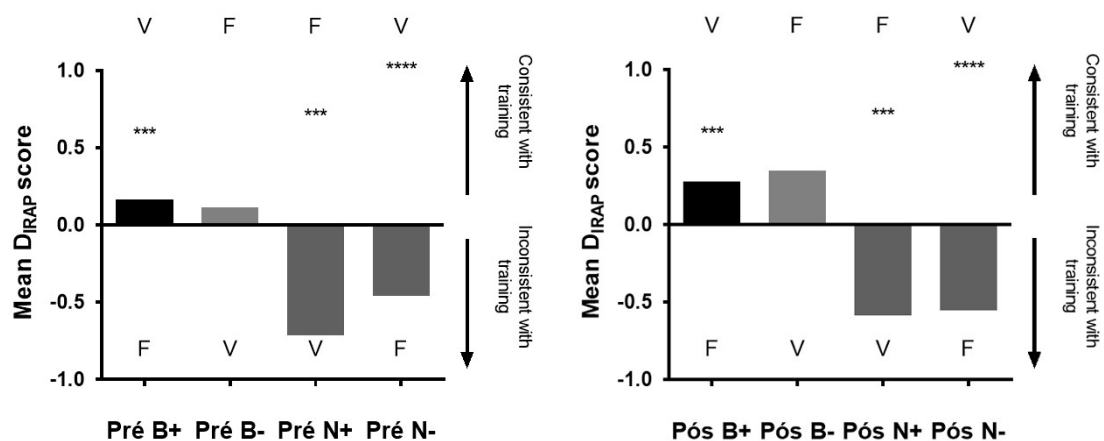


Figura 23. Desempenho de B4 no IRAP. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco-bom (B+), branco-mau (B-), negro-bom (N+) e negro-mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas do participante. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro-bom, negro-mau, branco-bom e branco-mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas para facilitar a comparação.



Pré B+ Pré B- Pré N+ Pré N- **Pós B+ Pós B- Pós N+ Pós N-**

Figura 24. Desempenho de B5 no IRAP. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco-bom (B+), branco-mau (B-), negro-bom (N+) e negro-mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas do participante. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro-bom, negro-mau, branco-bom e branco-mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas para facilitar a comparação.



Pré B+ Pré B- Pré N+ Pré N- **Pós B+ Pós B- Pós N+ Pós N-**

Figura 25. Desempenho de B6 no IRAP. Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco-bom (B+), branco-mau (B-), negro-bom (N+) e negro-mau (N-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram as relações de Verdadeiro (V) ou Falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas do participante. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de negro-bom, negro-mau, branco-bom e branco-mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas para facilitar a comparação.

Observa-se que B1 teve um aumento no tempo de resposta na relação negro-mau e Falso, mas com um valor baixo, em torno de 0,13 ms. Já em relação a branco-mau e Verdadeiro, após o treino, foi verificada uma mudança, ainda que essa relação não tenha sido treinada. Para B2, a mudança foi irrelevante, mas destaca-se que, após o treino, a relação negro-bom e Verdadeiro foi alterada para negro-bom e Falso, efeito oposto ao pretendido, o que pode indicar, surpreendentemente, uma relação entre estímulos caracterizada como viés racial negativo, após o treino.

Para o participante B4, cujos dados demonstram que respondia de forma mais rápida para negro–mau e Verdadeiro que para Falso, houve uma melhora (diminuição) no tempo de resposta nessa relação, aproximando-se de zero. O participante, todavia, ainda parece responder mais rápido para negro–mau e Verdadeiro. Em relação ao negro–bom e Verdadeiro, após o treino, o tempo de resposta de B4 diminuiu.

Os participantes B5 e B6 não tiveram alterações relevantes em relação a negros após o treino, mas houve aumento na relação negro–mau e Falso. Destaca-se que ambos obtiveram melhoras em relação a brancos, seja em branco–bom e Verdadeiro, seja em branco–mau e Falso, isto é, as respostas foram emitidas mais rapidamente.

A partir dos resultados obtidos, observa-se a ocorrência de alguns resultados não esperados. Inicialmente, ainda que não fosse um critério de seleção, esperava-se encontrar participantes com viés para pessoas negras, considerando toda a literatura já descrita. Entretanto, os participantes não apresentaram essa característica, de acordo com resultados do IRAP. Também se esperava que, após o treino, os participantes, mesmo que sem viés negativo para negros, pudessem ter uma melhora no D-score, ou seja, pudessem ter respostas rápidas diante das relações entre negro–bom e Verdadeiro; e negro–mau e Falso. Não foi, porém, o que aconteceu.

Ainda em relação aos resultados obtidos no IRAP, antes e após o treino, observa-se que, muitas vezes, não foram consistentes para os participantes negros, pois, em diversas situações, os participantes, em vez de aumentarem a velocidade das respostas (aumentar o D-score) após o treino, diminuíram a velocidade. De uma forma geral, os participantes negros obtiveram resultados opostos ao que se esperava, pois, após o treino, responderam de forma mais lenta para a relação negro–mau e Falso.

Inversamente, os participantes brancos, de uma forma geral, obtiveram um aumento do D-score, respondendo à relação negro–mau e Falso consistentemente.

Quanto ao procedimento construído para formação de classes de equivalência, parece eficaz, uma vez que apenas um participante não formou classe de equivalência.

Síntese dos Resultados

Para avaliar o desempenho de cada grupo (negros e brancos), foi criada uma média de D-score de todos os participantes, e, dessa forma, ficaram evidentes as mudanças ocorridas para cada um dos grupos. Na relação branco–bom e branco–mau pré treino, o grupo de participantes negros respondeu de forma que o D-score se aproximava a zero, ou seja, não se pode dizer ser que esta era uma relação consistente ou inconsistente.

Após o teste de equivalência, tanto os participantes negros quanto os participantes brancos obtiveram resultados indicativos de ausência de viés para brancos, respondendo mais rapidamente para branco–bom e Verdadeiro e branco–mau e Falso. A diminuição mais acentuada desse resultado no teste final não era um objetivo deste trabalho, pois, em nenhum momento da Fase de Treino, treinou-se a relação entre pessoas brancas e símbolos positivos (reforçadores).

Nas relações negro–bom e negro–mau, os resultados foram curiosos. Os resultados dos participantes negros e brancos demonstravam que, antes mesmo do treino, ambos os grupos respondiam de forma mais rápida para Verdadeiro na relação negro–bom; e Falso na relação negro–mau, fato que demonstrou não haver viés. Após o teste de equivalência, tanto os participantes negros quanto os participantes brancos mantiveram maior velocidade para Verdadeiro na relação negro–bom e ambos grupos tiveram seus D-scores diminuídos (negros de 0,66 para 0,65; brancos de 0,47 para 0,41). Contudo, a diminuição foi mínima, o que pode ser considerado como um desvio padrão.

A última relação, e a relação em que houve a mudança mais significativa para o grupo de brancos, foi a relação negro–mau. Quando este estudo foi proposto, acreditou-se que seriam encontrados participantes enviesados e que responderiam Verdadeiro para negro–mau no pré-treino. Todavia, foram encontrados participantes que atingiram um D-score mais alto para a posição Falso, fossem participantes negros, fossem brancos. Dessa forma, antes do treino, os participantes brancos atingiram um D-score de 0,21 para essa relação, enquanto os participantes negros atingiram 0,43. Após o teste de equivalência, averiguou-se que os participantes negros tiveram uma queda do D-score para 0,30, ainda que o treino tivesse o objetivo de aumentar esse valor. Por fim, os participantes brancos, após o treino, tiveram um D-score de 0,37, ou seja, aproximadamente 45% do que era. Pode-se dizer, portanto, que o treino teve o efeito proposto para pessoas brancas.

Discussão

A escolha por um procedimento que avaliasse de forma implícita os vieses se deu devido à leitura de alguns estudos, como o de Sacco (2015), que, em uma revisão em diversas bases de dados, avaliou haver poucas publicações nacionais que avaliem o viés racial implícito.

Também pode ser citado o estudo Lai et al. (2014), que propuseram 17 experimentos para diminuir o viés racial implícito, alguns com maior controle experimental que outros. Os autores utilizam um instrumento denominado IAT, que se assemelha muito ao IRAP, por medir a latência entre a apresentação do estímulo e a resposta do participante – e selecionaram aproximadamente 5.000 pessoas para os experimentos, ou seja, há dados que indicam que o fenômeno do viés racial negativo está presente. Lai et al. (2014) identificam esse dado a partir da aplicação do IAT antes e depois do procedimento.

No entanto, neste estudo que ora se apresenta, alguns resultados não seguiram na direção esperada. Dentre os 17 participantes selecionados, de idades e locais diferentes, nenhum apresentou viés racial implícito negativo para pessoas negras, fato que não era esperado, de acordo com a literatura consultada.

Uma vez que Mizael (2015) utilizou crianças como participantes e seus instrumentos poderiam ser ineficazes em participantes adultos devido à possibilidade de fuga e esquiva, optou-se por utilizar o IRAP, antes e depois do procedimento utilizado pela autora. Por este estudo não utilizar o mesmo procedimento de seleção de Mizael (2015), optou-se pelo Questionário Autodeclaratório.

A utilização da autodeclaração parece ter sido uma decisão adequada. Ainda que os participantes pudessem ser escolhidos pela raça/etnia de acordo com os “olhos do

experimentador”, algumas pessoas que preencheram o Questionário Autodeclaratório se consideravam pardas, fato este que não seria um problema se os participantes soubessem o motivo de serem pardos, ou seja, muitos podem considerar-se pardos devido ao que declara sua certidão de nascimento, ou por uma questão de eliminação de opções. Dessa forma, esse tipo de autodeclaração de raça pode revelar um reflexo do branqueamento relatado por Oliveira (2008) e Romero (2015), uma vez que abre a possibilidade de que existam pessoas negras que se declarem pardas (ou “menos” negras). A seleção de participantes autodeclarados pretos é de suma importância para o resultado da pesquisa, pois se suspeitava da possibilidade de participantes que fossem enviesados negativamente em relação a sua raça, o que pode ter origem no período pós-escravidão, também de acordo com Oliveira (2008) e Romero (2015).

Moehlecke (2002), ao ponderar sobre ações afirmativas, enfatiza a importância de uma busca por espaços nos quais o negro esteja inserido, uma das premissas das ações afirmativas. Sua afirmação é embasada no fato de que, ainda que, em comparação com décadas anteriores, encontram-se negros em diversas esferas sociais, estes ainda estão em situação inferior em relação aos brancos. Essa consequência é, por sua vez, reflexo da época da escravidão, conforme exposto por Oliveira (2008) e Romero (2015), que relatam diversas práticas pós-escravidão que mantiveram os negros em situação inferior, como as repetidas tentativas de branqueamento da população negra. Dessa forma, optou-se por escolher participantes negros (pretos) e brancos. Uma vez que existe um mito sobre a democracia racial no Brasil, não seria improvável um negro com viés racial negativo em relação a outras pessoas negras (e a si próprio).

Os resultados da presente pesquisa foram bastante distintos. Após o procedimento, os participantes negros, em média, tiveram suas relações menos consistentes ao relacionar

negros com características positivas (reforçadoras), ou seja, é como se o treino tivesse tornado a relação mais fraca, mesmo que com o objetivo de fortalecê-la. Em relação a esses participantes, esperava-se que, caso houvesse viés racial negativo, que diminuísse ou que se mantivesse com o treino – mas não aumentasse, ou seja, que o tempo de resposta aumentasse. Futuras pesquisas deveriam utilizar o mesmo procedimento de treino e verificar a mudança de viés racial por meio de outros procedimentos, como o IAT, e verificar se há diferenças em seus resultados, pois há a possibilidade do instrumento de medida – o IRAP – não ter sido eficaz.

Mizael (2015) utiliza o IRAP apenas no fim do procedimento. Dessa forma, a autora não consegue avaliar a mudança obtida por esse instrumento. No entanto, seu estudo verificou que houve um D-score favorável para pessoas negras, o que, com os outros instrumentos aplicados antes e depois do procedimento de discriminação condicional – SAM e AC3 –, permitiu à autora concluir que houve uma mudança de viés racial.

Neste estudo, não houve a seleção de pessoas com viés negativo e, portanto, a conclusão de que foi eficaz não fica evidente, pois a única relação em que foi vista mudança, pela média do grupo, foi a relação entre os estímulos negro-mau e Falso para participantes brancos; os participantes negros tiveram um resultado menos consistente na aplicação ao final. Além disso, diversas relações demonstraram resultados opostos ao que se esperava, mesmo que sem relação com o treino, como, por exemplo, um aumento do D-score para pessoas brancas.

Outro ponto pertinente sobre a eficácia do procedimento diz respeito à transferência de função. Sidman e Tailby (1982) e de Rose (1993) afirmam que, se um estímulo dentro de uma classe mudar sua função, os outros estímulos dessa mesma classe

também podem mudar. Por isso, realiza-se o treino de pareamento entre pessoas negras e estímulos positivos (reforçadores).

O procedimento utilizado neste estudo, baseado no de Mizael (2015), foi eficaz em formar classes de equivalência para praticamente todos os participantes, à exceção de um. No entanto, o mesmo participante foi capaz de responder de forma mais rápida no IRAP ao final, o que demonstra não haver uma relação direta entre formação de classe de equivalência e a redução do viés racial implícito.

Por ser apenas um participante, pesquisas futuras deveriam verificar qual a relação entre a formação de classe de equivalência e a redução de viés racial implícito. Lai et al. (2014) afirmam que conseguiram reduzir o viés racial implícito para pessoas negras, sem necessariamente um procedimento de treino de relações entre estímulos e testes de equivalência. Deve-se salientar que o estudo realizado por esses autores teve controle experimental precário. Portanto, pesquisas futuras poderiam estruturar algum procedimento metodologicamente mais preciso para verificar a relação entre treino e teste de relações de equivalência e avaliação de respostas enviesadas. Lai et al. (2014) afirmam que os resultados que foram mais eficazes não apenas fizeram um pareamento de pessoas negras com estímulos reforçadores, mas de pessoas brancas com estímulos aversivos, como nos experimentos *Praticando o IAT com Exemplos Contraestereotípicos e Condicionamento Avaliador*.

Carvalho (2010), ao realizar a primeira versão de seu estudo, destacou que a atividade foi considerada cansativa e isso pode ter influenciado seus resultados. Durante a Fase de Treino, neste estudo, também foi observado cansaço ou seu relato por parte dos participantes, e alguns chegaram a relatar que a fase era “chata”. Ao que parece, após terem estabelecido o pareamento entre os estímulos, os participantes começam a repetir

a resposta correta de forma muito rápida. Todavia, a quantidade de tentativas (32 por fase, caso não houvesse erro) e o critério de apenas um erro por bloco (no qual o participante pode errar por responder muito rápido) podem ter feito com que a atividade se tornasse cansativa. No total, foram 32 tentativas na relação AB (polegares – figuras abstratas) e 16 no teste de simetria da fase; 32 tentativas na relação BC (figuras abstratas – pessoas negras/figura abstrata) e 16 no teste de simetria da fase; 32 tentativas na relação ABBC e mais 16 tentativas no teste AC (polegares – pessoas negras); 16 tentativas em CA (pessoas negras – polegares); e, por fim, mais 16 do teste AC3. Ao todo, 176 tentativas se o participante não repetisse a fase – e sem contar com a fase pré-teste. Pelo fato de os participantes serem adultos, recomenda-se que em pesquisas futuras diminuam a quantidade de tentativas. Inicialmente foi percebido que as pessoas erraram mais no início dessa etapa. Logo, sugere-se aumentar a possibilidade de erros nas primeiras tentativas e reduzir o número de tentativas para metade nas fases de treino, mas manter a fase de teste.

Outro aspecto é o teste AC3, que, por não se caracterizar como um instrumento de avaliação, talvez não devesse ser utilizado da forma que foi feita neste estudo, já que deixa o participante mais esgotado e acrescenta muito dados. Neste estudo, a utilização do teste AC3 serviu apenas para verificar se, ao adicionar o estímulo pessoa branca, o participante mudaria sua resposta. Observou-se, porém, que a maior parte dos participantes, brancos ou negros, manteve as respostas inalteradas.

Dividir em dois dias a atividade é outro aspecto que pode tornar a atividade menos cansativa, correndo-se o risco, porém, de que o participante não compareça à segunda coleta.

Algo aspecto que deve ser salientado neste estudo são as características físicas do experimentador: homem, negro, 1,85 m e 120 kg. Tanto no estudo de Carvalho (2010)

quanto no de Mizael (2015), foram utilizadas duas variáveis distintas em relação ao experimentador: sempre mulheres – uma branca e uma negra, respectivamente – e se concluiu que a raça/etnia do experimentador não foi uma variável que modificou as respostas dos participantes. Todavia, os participantes são adultos neste estudo que ora se apresenta, e talvez as características do experimentador possam ter tido influência. Homens e mulheres negras são estereotipados, mas os estereótipos ocorrem de formas distintas, ou seja, nem tudo que a mulher negra pode significar é igual ao que o homem negro significa (Moehlecke, 2002). Assim, embora as características do experimentador não tenham tido relevância em Mizael (2015), talvez, neste estudo, possam ter causado alterações.

Os estímulos utilizados – fotos de homens e mulheres negras – também merecem consideração. Assim como os estereótipos são distintos entre homens e mulheres negras, pode-se pensar no sexo e orientação sexual do participante como outra variável. Sentir-se atraído por uma pessoa negra não torna a pessoa menos ou mais enviesada, pois, se assim fosse, não existiria processo de branqueamento, já que, para esse processo ocorrer, as pessoas precisam relacionar-se – e o próprio estupro era algo comum na época da escravidão, fosse praticado contra homens, fosse contra mulheres. (Oliveira, 2008; Romero, 2015). Dessa forma, pesquisas futuras, ao trabalharem com adultos, deveriam testar a raça e o sexo do experimentador e verificar se há mudança relevante em relação às respostas dos participantes. Também deve-se pensar nos estímulos visuais a serem utilizados: talvez separar imagens de homens e mulheres e selecionarem apenas um, ou escolher grupos que respondam apenas a uma categoria de grupo: homens negros ou mulheres negras.

Uma ressalva importante a ser feita é a de que de todas as pesquisas citadas neste estudo que estudaram o viés racial implícito (Carvalho, 2010; Gonzalez et al., 2017; Lai et al., 2014; Mizael, 2015) não destacaram o impacto social na vida cotidiana do participante quando há diminuição do viés racial implícito. A maior parte das pesquisas relatadas foi capaz de reduzir o viés racial implícito, mas não se sabe o que isso gera na vida do participante ou em relação a suas práticas culturais racistas. Mesmo quando realizada uma reavaliação após um período de tempo – seguimento ou *follow-up* –, não se testou a implicação na vida, ou seja, se houve mudanças na forma de o participante se portar em relação a questões raciais.

Por último, deve-se lembrar que Sacco (2015), ao realizar sua busca por estudos raciais, não havia encontrado nenhum sobre Análise do Comportamento e racismo. Pesquisas futuras em Análise do Comportamento devem continuar a considerar essas questões raciais, seja de forma explícita, seja implícita, em pesquisa básica ou aplicada, pois ainda há pouco material na área e pouco controle experimental sobre esse fenômeno.

Referências

- Andery, M. A., & Sérgio, T. M. (1997). The bell curve: What has radical behaviorism to say about it? *Behavior and Social Issues*, 7(1), 69–82.
- Arhin, A., & Thyer, B. A. (2004). The causes of racial prejudice: A behavior-analytic perspective. In J. L. Chin (Ed.), *The psychology of prejudice and discrimination: Racism in America* (pp 1-19). Westport, CT: Praeger Publishers/Greenwood Publishing Group.
- Barnes-Holmes, D., Barnes-Holmes, Y., Power, P., Hayden, E., Milne, R., & Stewart, I. (2006). Do you know what you really believe? Developing the Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP) as a direct measure of implicit beliefs. *The Irish Psychologist*, 32(7), 169–177.
- Bradley, M., & Lang, P. J. (1994). Measuring emotion: The Self-Assessment Manikin and the Semantic Differential. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatric*, 25(1), 49–59.
- Carvalho, M. P. (2010). *Resistência à mudança de atitude preconceituosa racial avaliada pelo paradigma de equivalência de estímulos* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil.
- de Rose, J. C. (1993). Classes de estímulos: Implicações para uma análise comportamental da cognição. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 9(2), 283–303.
- de Rose, J. C. (1997). O relato verbal segundo a perspectiva da análise do comportamento: Contribuições conceituais e experimentais. *Sobre comportamento e cognição*, 1 (pp. 148-163).

- Foroni, F., & Mayr, U. (2005). The power of a story: New, automatic, associations from a single reading of a short scenario. *Psychonomic Bulletin & Review*, *12*, 139–144. doi:10.3758/BF03196359
- Gonzalez, A. M., Steele, J. R., & Baron, A. S. (2017). Reducing children's implicit racial bias through exposure to positive out-group exemplars. *Child Development*, *88*(1), 123-130. doi:10.1111/cdev.12582
- Greenwald, A. G., McGhee, D. E., & Schwartz, J. L. K. (1998). Measuring individual differences in implicit cognition: The implicit association test. *Journal of Personality and Social Psychology*, *74*, 1464–1480.
- Herrnstein, R. J., & Murray, C. (1994). *The bell curve: The reshaping of American life by differences in intelligence*. New York: Free.
- Houaiss, A. (2001). Racismo. In *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Lai, C. K., Marini, M., Lehr, S. A., Cerruti, C., Shin, J. E. L., Joy-Gaba, J. A. . . . Nosek, B. A. (2014). Reducing implicit racial preferences: I. A comparative investigation of 17 interventions. *Journal of Experimental Psychology: General*, *143*, 1765–1785.
- Mizael, T. M. (2015). *Estabelecimento de classes de estímulos equivalentes com estímulos significativos: Investigando a atitude racial preconceituosa* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil.
- Moehlecke, S. (2002). Ação afirmativa: História e debates no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, *117*, 197–217.

- Oliveira, I. M. A. (2008). *A ideologia do branqueamento na sociedade brasileira* (Produção didático-pedagógica). Santo Antônio do Paraíso, PR: Universidade Estadual do Norte do Paraná.
- Romero, M. (2015). Ciência, construção da nação e exclusão social: São Paulo – Brasil (1889-1930). *Le Cahiers ALHIM – Amérique Latine Histoire et Mémoire*, 29. Recuperado de <https://journals.openedition.org/alhim/5258>
- Sacco, A. M. (2015). *Orgulho e preconceito: O desenvolvimento de atitudes raciais implícitas e explícitas em crianças de Porto Alegre e Salvador* (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Sampaio, A. A. S., & Andery, M. A. P. A. (2010). Comportamento social, produção agregada e prática cultural: Uma análise comportamental de fenômenos sociais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26, 183–192.
- Sidman, M., & Tailby, W. (1982). Conditional discrimination vs. matching to sample: An expansion of the testing paradigm. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 37(1), 5–22. doi:10.1901/jeab.1982.37-5
- Skinner, B. F. (2003). *Ciência e comportamento humano* (J. C. Todorov, & R. Azzi, Trads.; 11. ed.) São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1953)
- Wallace, B. W. (2003). Match to Sample Program (III) [Computer software]. Umass/Eunice Kennedy Shriver Center's Behavioral Sciences Department. Recuperado de <http://mts3software.com/>
- Whelan, R., & Barnes-Holmes, D. (2004). The transformation of consequential functions in accordance with the relational frames of same and opposite. *Journal of the Experimental analysis of Behavior*, 82(2), 177–195.

Apêndice A

Termo de Consentimento e Esclarecimento e Esclarecimento

O estudo em questão se trata de uma dissertação de mestrado de cunho social do programa de estudos de pós-graduação em psicologia experimental: Análise do Comportamento da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Esta pesquisa envolve atividades realizadas por um notebook e serão utilizados o teclado e o mouse. A tarefa consiste em escolher imagens e palavras que aparecerão na tela do computador. Haverá orientação fornecida para esta atividade.

Os resultados deste estudo terão fim acadêmico e científico e desta forma qualquer dado referente à identidade do participante será sigiloso e o participante poderá interromper a qualquer etapa do experimento.

Algumas informações não poderão ser expostas, pois poderá haver alteração nos resultados, porém, após o experimento, todas as dúvidas poderão ser respondidas.

Aceito ser participante da pesquisa supracitada

Participante

Pedro Henrique Jardim

Pesquisador

Apêndice B**Questionário Autodeclaratório****NOME:**

SEXO:

Feminino

Masculino

IDADE:**ESCOLARIDADE:**

Ensino Fundamental

Ensino Médio

Ensino Superior

RAÇA:

Preto

Branco

Amarelo

Pardo

Vermelho

CONTATO- Celular/E-mail:
